

João do Rio

Rosário da Ilusão



MORAES

PORTUGAL BRASILL^{DA}

SOCIEDADE EDITORA

Lisboa

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Rosario da Ilusão

Reservados todos os direitos de reprodução : em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português*; no Brasil, nos termos do convénio de 9 de setembro de 1889 e lei n.º 2.577 de 17 de janeiro de 1912 ; nos países convencionados, em harmonia com a Convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de março de 1911. A propriedade desta obra pertence à Sociedade Editora Portugal-Brasil L.da.

JOÃO DO RIO

Da Academia Brasileira e da Academia das Sciencias de Lisboa

Rosario da Illusão

A verdadeira historia do vélo d'ouro —
Maria Magdalena—O Anjo—Lazaro, —
e outras historias inuteis mas verdadeiras.

Meu coração é tão intelligente, meu
coração tem tanto espirito que no meu
peito está todo a sangrar...

HEINE: — "Nova Primavera"

PER ORBEM PVLGENS



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Rosario da Ilusão

- O homem da cabeça de papelão.
- A verdadeira historia do vélo d'oiro.
- Pavor.
- A felicidade de Clodomiro.
- Sonho.
- Sombra.
- Maria Magdalena.
- O Club dos Optimistas.
- Pomba do Mar.
- Palavra da Machina.
- O Anjo.
- Fumo.
- Lazaro.

A qualquer alma sensível

Não te admires se encontrares reunidas neste volume as reflexões da tristeza e a amarga desolação da dôr. A minha tarefa é juntar alegremente as observações e amontoar com febre entusiastica Ideas de riso, pensamentos de esplendor.

Não se procede assim, sem punição. Estamos muita vez com a braçada de loiros para a Vida ou com os symbolos do Riso nas mãos e o sangue gota na nossa fronte.

Essas pequenas coisas são escriptas com o sangue que os apodos e as ingratições fazem brotar no coração d'aquelles a quem o destino manda trabalhar, apesar de tudo ...

O homem da cabeça de papelão

Velho conto

No Paiz que chamavam do Sol, apesar de chover, ás vezes, semanas inteiras, vivia um homem de nome Antenor. Não era príncipe. Nem deputado. Nem rico. Nem jornalista. Absolutamente sem importancia social.

O Paiz do Sol, como em geral todos os paizes lendarios, era o mais commum, o menos surprehendente em idéas e praticas. Os habitantes affluíam todos para a capital, composta de praças, ruas, jardins e avenidas, e tomavam todos os logares e todas as possibilidades da vida dos que, por desventura, eram da capital. De modo que estes eram mendigos e parasitas, unicos meios de vida sem concorrência, isso mesmo com muitas restricções quanto ao parasitismo. Os predios da capital, no centro elevavam aos ares

alguns andares e a fortuna dos proprietarios, nos suburbios não passavam de um andar sem que por isso não enriquecessem os proprietarios tambem. Havia milhares de automoveis á disparada pelas arterias matando gente para matar o tempo, *cabarets* fatigados, jornaes, tramways, partidos nacionalistas, ausencia de conservadores, a Bolsa, o Governo, a Moda, e um aborrecimento integral. Emfim tudo quanto a cidade de fantasia póde almejar para ser igual a uma grande cidade com pretensões da America. E o povo que a habitava julgava-se, além de intelligente, possuidor de immenso bom senso. Bom senso! Se não fosse a capital do Paiz do Sol, a cidade seria a capital do Bom-Senso!

Precisamente por isso, Antenor, apesar de não ter importancia alguma, era excepção mal vista. Esse rapaz, filho de boa familia (tão boa que até tinha sentimentos), agira sempre em desaccordo com a norma dos seus concidadãos.

Desde menino, a sua respeitavel progenitora descobriu-lhe um defeito horrivel: An-

tenor só dizia a verdade. Não a sua verdade, a verdade util, mas a verdade verdadeira. Alarmada, a digna senhora pensou em tomar providencias. Foi-lhe impossivel. Antenor era diverso no modo de comer, na maneira de vestir, no geito de andar, na expressão com que se dirigia aos outros. Emquanto usara calções, os amigos da familia consideravam-no um *enfant terrible*, porque no Paiz do Sol todos falavam francez com convicção, mesmo falando mal. Rapaz, entretanto, Antenor tornou-se alarmante. Entre outras coisas, Antenor pensava livremente por conta propria. Assim, a familia via chegar Antenor como a propria revolução; os mestres indignavam-se porque elle aprendia ao contrario do que ensinavam; os amigos odiavam-no; os transeuntes, vendo-o passar, sorriam.

Uma só coisa descobriu a mãe de Antenor para não ser forçada a mandal-o embora: Antenor nada do que fazia, fazia por mal. Ao contrario. Era escandalosamente, incomprehensivelmente bom. Aliás, só para ella, para os olhos maternos. Porque quando Antenor resolveu arranjar trabalho para os men-

digos e corria a bengala os parasitas na rua, ficou provado que Antenor era apenas doído furioso. Não só para as victimas da sua bondade como para a esclarecida intelligencia dos delegados de policia a quem teve de explicar a sua caridade.

Com o fim de convencer Antenor de que devia seguir os tramites legais de um joven solar, isto é: ser bacharel e depois empregado publico nacionalista, deixando á actividade da canalha estrangeira o resto — os interesses congregados da familia em nome dos principios organizaram varios *meetings* como aquelles que se fazem na inexistente democracia americana para provar que a chave abre portas e a faca serve para cortar o que é nosso para nós e o que é dos outros tambem para nós. Antenor, diante da evidencia, negou-se.

— Ouça! bradava o tio. Bacharel é o principio de tudo. Não estude. Pouco importa! Mas seja bacharel! Bacharel você tem tudo nas mãos. Ao lado de um politico-chefe, sabendo lisongear, é a ascensão: deputado, ministro.

-- Mas não quero ser nada d'isso.

— Então quer ser vagabundo?

— Quero trabalhar.

— Vem dar na mesma coisa. Vagabundo é um sujeito a quem faltam tres coisas: dinheiro, prestigio e posição. Desde que você não as tem, mesmo trabalhando — é vagabundo.

— Eu não acho.

— E' peor. E' um typo sem bom senso. E' bolsheviki. Depois, trabalhar para os outros é uma illusão. Você está inteiramente doido.

Antenor foi trabalhar, entretanto. E teve uma grande difficuldade para trabalhar. Póde-se dizer que a originalidade da sua vida era trabalhar para trabalhar. Accedendo ao pedido da respeitavel senhora que era mãe de Antenor, Antenor passeou a sua má cabeça por varias casas de commercio, varias empresas industriaes. Ao cabo de um, dois mezes, estava na rua. Por que mandavam embora Antenor? Elle não tinha exigencias, era honesto como a agua, trabalhador, sincero, verdadeiro, cheio de idéas. Até alegre

— qualidade rarissima no paiz onde o sol, a cerveja e a inveja faziam batalhões de biliosos tristes. Mas companheiros e patrões prevenidos, se a principio declinavam hostilidades, dentro em pouco não o aturavam. Quando um companheiro não atura o outro, intriga-o. Quando um patrão não atura o empregado, despede-o. E' a norma do Paiz do Sol. Com Antenor depois de despedido, companheiros e patrões ainda por cima tomavam-lhe birra. Por que? E' tão difficil saber a verdadeira razão por que um homem não supporta outro homem!

Um dos seus ex-companheiros explicou certa vez:

— E' doido. Tem a mania de fazer mais que os outros. Estraga a norma do serviço e acaba não sendo tolerado. Mau companheiro. E depois com ares...

O patrão do ultimo estabelecimento de que saíra o rapaz respondeu á mãe de Antenor:

— A perigosa mania de seu filho é pôr em pratica idéas que julga proprias.

— Prejudicou-o, Sr. Praxedes?

— Não. Mas podia prejudicar. Sempre altera o bom senso. Depois, mesmo que seu filho fosse aguia, quem manda na minha casa sou eu.

No Paiz do Sol o commercio é uma maçonaria. Antenor, com fama de perigoso, insupportavel, desobediente, anarchisador, não pôde em breve obter emprego algum. Os patrões que mais tinham lucrado com as suas idéas eram os que mais falavam. Os companheiros que mais o haviam aproveitado tinham-lhe raiva. E se Antenor sentia a triste experiencia do erro economico no trabalho sem a norma, a praxe, no convivio social comprehendia o desastre da verdade. Não o toleravam. Era-lhe impossivel ter amigos, por muito tempo, porque esses só o eram emquanto não o tinham explorado.

Antenor ria. Antenor tinha saude. Todas aquellas desditas eram para elle brincadeira. Estava convencido de estar com a razão, de vencer. Mas, a razão sua, sem interesse chocava-se á razão dos outros ou com interesses ou presa á suggestão dos alheios. Elle via os erros, as hypocrisias, as vaidades, e

dizia o que via. Elle ia fazer o bem, mas mostrava o que ia fazer. Como tolerar tal miseravel? Antenor tentou tudo, juvenilmente, na cidade. A dignissima sua progenitora desculpava-o ainda.

— E' doido, mas bom.

Os parentes, porém, não o cumprimentavam mais. Antenor exercera o commercio, a industria, o professorado, o proletariado. Ensinara geographia num collegio, de onde foi expulso pelo director; estivera numa fabrica de tecidos, forçado a retirar-se pelos operarios e pelos patrões; oscilara entre revisor de jornal e conductor de bonde. Em todas as profissões vira os circulos estreitos das classes, a defesa hostile dos outros homens, o odio com que o repelliam, porque elle pensava, sentia, dizia outra coisa diversa.

— Mas, Deus, eu sou honesto, bom, intelligente, incapaz de fazer mal . . .

— E' da tua má cabeça, meu filho.

— Qual!

— A tua cabeça não regula.

— Quem sabe?

Antenor começava a pensar na sua má

cabeça, quando o seu coração apaixonou-se. Era uma rapariga chamada Maria Antonia, filha da nova lavadeira da sua mãe. Antenor achava perfeitamente justo casar com a Maria Antonia. Todos viram nisso mais uma prova do desarranjo cerebral de Antenor. Apenas, com pasmo geral, a resposta de Maria Antonia foi condicional.

— Só caso se o senhor tomar juízo.

— Mas que chama você juízo?

— Ser como os mais.

— Então você gosta de mim?

— E por isso é que só caso depois.

Como tomar juízo? Como regular a cabeça? O amor leva aos maiores desatinos. Antenor pensava em arranjar a má cabeça, estava convencido.

Nessas disposições, Antenor caminhava por uma rua do centro da cidade, quando os seus olhos descobriram a taboleta de uma "relojoaria e outros machanismos delicados de precisão". Achou graça e entrou. Um cavalheiro grave veio servil-o.

— Traz algum relógio?

— Trago a minha cabeça.

— Ah! Desarranjada?

— Dizem-no, pelo menos.

— Em todo o caso, ha tempo?

— Desde que nasci.

— Talvez imprevisão na montagem das peças. Não lhe posso dizer nada sem observação de trinta dias e a desmontagem geral. As cabeças como os relógios para regular bem...

Antenor atalhou:

— E o senhor fica com a minha cabeça?

— Se a deixar.

— Pois aqui a tem. Concerte-a. O diabo é que eu não posso andar sem cabeça...

— Claro. Mas, enquanto a arranjo, empreste-lhe uma de papelão.

— Regula?

— E' de papelão! explicou o honesto negociante.

Antenor recebeu o numero de sua cabeça, enfiou a de papelão, e saiu para a rua.

Dois mezes depois, Antenor tinha uma porção de amigos, jogava o pocker com o ministro da agricultura, ganhava uma pequena fortuna vendendo feijão bichado

para os exercitos aliados. A respeitavel mãe de Antenor via-o mentir, fazer mal, trapacear e ostentar tudo o que não era. Os parentes, porém, estimavam-no, e os companheiros tinham garbo em recordar o tempo em que Antenor era maluco.

Antenor não pensava. Antenor agia como os outros. Queria ganhar. Explorava, adu-lava, falsificava. Maria Antonia tremia de contentamento vendo Antenor com juizo. Mas Antenor, logicamente, desprezou-a— propondo um concubinato que o não desmoralizasse a elle. Outras Marias ricas, de posição, eram da opinião da primeira Maria. Elle só tinha de escolher. No centro operario, a sua fama crescia, querido dos patrões burguezes e dos operarios irmãos dos spartakistas da Allemanha. Foi eleito deputado por todos, e, especialmente, pelo presidente da Republica—a quem atacou logo, pois para a futura eleição o presidente seria outro. A sua ascensão só podia ser comparada á dos balões. Antenor esquecia o passado, amava a sua terra. Era o modelo da felicidade. Regulava admiravelmente.

Passaram-se assim annos. Todos os chefes politicos do Paiz do Sol estavam na difficuldade de concordar no nome do novo senador, que fosse o expoente da norma, do bom senso. O nome de Antenor era cotado. Então Antenor passeava de automovel pelas ruas centraes, para tomar o pulso á opinião, quando os seus olhos deram na taboleta do relojoeiro e lhe veiu a memoria.

— Bolas! E eu que esqueci! A minha cabeça está ali ha tempo... Que acharia o relojoeiro? E' capaz de tel-a vendido para o interior. Não posso ficar toda vida com uma cabeça de papelão!

Saltou. Entrou na casa do negociante. Era o mesmo que o servira.

— Ha tempos deixei aqui uma cabeça.

— Não precisa dizer mais. Espero-o ancioso e admirado da sua ausencia, desde que ia desmontar a sua cabeça.

— Ah! fez Antenor.

— Tem-se dado bem com a de papelão?

— Assim...

— As cabeças de papelão não são más de

todo. Fabricações por series. Vendem-se muito.

— Mas a minha cabeça?

— Vou buscal-a.

Foi ao interior e trouxe um embrulho com respeitoso cuidado.

— Aqui está.

— Concertou-a?

— Não.

— Então, desarranjo grande?

O homem recuou.

— Senhor, na minha longa vida profissional jamais encontrei um apparelho igual, como perfeição, como acabamento, como precisão. Nenhuma cabeça regulará no mundo melhor do que a sua. E' a placa sensível do tempo das idéas, é o equilibrio de todas as vibrações. O senhor não tem uma cabeça qualquer. Tem uma cabeça de exposição, uma cabeça de genio *hors-concours*.

Antenor ia entregar a cabeça de papelão. Mas conteve-se.

— Faça então o obsequio de embrulhal-a.

— Não a colloca?

— Não.

—V. Ex.^a faz bem. Quem possui uma cabeça assim, não a usa todos os dias. Fatalmente dá na vista.

Mas Antenor era prudente, respeitador da harmonia social.

—Diga-me cá. Mesmo parada em casa, sem corda, numa redoma, talvez prejudique.

—Qual! V. Ex.^a terá a primeira cabeça. Antenor ficou secco.

—Póde ser que V., profissionalmente, tenha razão. Mas, para mim, a verdade é a dos outros, que sempre a julgaram desaranjada e não regulando bem. Cabeças e relógios querem-se conforme o clima e a moral de cada terra. Fique V. com ella. Eu continuo com a de papelão.

E, em vez de viver no Paiz do Sol um rapaz chamado Antenor, que não conseguia ser nada tendo a cabeça mais admiravel—um dos elementos mais illustres do Paiz do Sol foi Antenor, que conseguiu tudo com uma cabeça de papelão.

A verdadeira historia do vélo d'ouro

Exactamente onde a planicie mais se estreita, proximo ao templo de Poseidon, Kypsélos parou. Vinha da cidade, sentindo o rumorejo do proprio sangue nas arterias. Queria ar, espaço. Ardia d'ambição. E ali, na planura fertil do isthmo, deante do mar, sob o céu escuro, no local em que se realizavam os jogos, poderia acalmar pela meditação o impeto estuante do seu temperamento.

Kypsélos respirou com força, despregou o manto. A noite de verão, cheia de astros, fazia a treva luminosa. O joven via assim de frente o templo a avultar para o mar o columnario da entrada.

— Como os tempos mudam! murmurou. Estou eu agora como Jasão, lembrando Jasão, deante do templo de Poseidon, protector do navegador. Apenas Poseidon não me protegerá, nem hoje é possível encon-

trar mulheres que nos ajudem como a pobre Medéa . . .

Deu de hombros; sorriu.

Kipsélos era de Corintho. Não amava a gloria, não se interessava pela guerra nem pela poesia. A' coroa de loiro preferia a de rosas nos festins luxuosos. Era, como todos da sua idade, pratico e mercantil. Corintho, nesse tempo governado pela olygarchia dos Bacchides, que succedera a Telestés e á serie de tyranos de longa duração, era o grande emporio da luxuria, o entreposto da mercancia, com os seus portos de Lechœon de um lado e de Cenchréas e Schoenos de outro, o centro industrial dos bronzes e dos tecidos, a colonizadora, a espalhar escravos pelas ilhas em de redor. A mocidade pensava em dominar, traficar, ganhar e amar. Aphrodite tinha um templo concorridissimo e veneravam Posseidon, que fizera a fortuna d'aquella gente. Kipsélos via a necessidade de vencer, de conquistar o direito ao prazer e ao mando. Sem fortuna, não poderia armar barcos nem mandar as fabricas que davam o bronze de oiro e o bronze de prata.

Sem pertencer ás duzentas familias que se repartiam o poder, era difficil senão pela violencia o mando politico. Entretanto, queria. Queria qualquer coisa. E joven, ardente, só dispunha da audacia e da irresolução inquietada, que a audacia excessiva infiltra . . .

O mancebo sentou-se num dos degraus do templo. De novo lembrou-se de Jasão, o qual, dizia a legenda, consagrara ali, a Poseidon, o barco em que fora a Colchida buscar o vélo d'ouro.

—Tempo de lendas em que os deuses se interessavam pelos mortaes! sorriu Kipsélos. Até o barco foi transportado aos céus e brilha como constellação no azul da noite!

Erguera os olhos para o firmamento á procura da nave estellar. Mas logo os baixou, porque sentia apparecer a figura de um homem envelhecido, e transparente como as sombras que povoam os jardins da morte.

—Kipsélos, pensas de mais em mim . . .

—Quem és tu? indagou o joven, pondo-se de pé.

A sombra subiu de vagar a escadaria, encostou-se a uma das columnas,

—Eu sou aquelle que teve um grande desejo e que tudo realizou: crimes, infamias, cobardias, para obter a realisação desse desejo, que era um direito. Eu sou aquelle que executou a secreta aspiração de todos sem ter conseguido realizar a propria vontade. Eu sou Jasão!

—Jasão! balbuciou, recuando, o joven.

—Que o pavor não te esfrie os membros, ó mocidade ambiciosa! Pára. Escuta. Se queres ouvir a historia núa de um desgraçado e se d'ella desejas tomar os proveitos da lição. Não te direi as fantasias que mascaram a minha vida. Mostrar-te-ei a rara e fugitiva verdade—para que não penses jamais levianamente em Jasão.

Kypsélos parou. Os braços se lhe penderam ao longo do corpo. Os olhos olhavam a sombra ansiadamente. E a sombra, então, no ar sereno, falou:

“—Procuravas em vão a nave “Argo,” no firmamento. A constelação com que a confundem, muito antes d'ella no céu brilha-

va. A claridade da minha "Argo," apodreceu aqui, sem que d'isso se apercebessem os homens da epoca. E' o castigo de quem realiza tudo, menos o que quer . . .

Tinha eu vinte annos e era lindo e aprendera coisas quando Kirão, velho sabio que me creara e educara e que a legenda transformou em centauro, chamou-me e disse: "Estás errado se pensas ser teu destino passar a vida no monte Pelion, a meu lado. Recolhi-te, eduquei-te. E' chegado o momento de ajudares o philosopho sem necessidades. Nada mais simples. Peléas, rei de tudo isto, inculcando-se filho de Deus, apossou-se do throno de teu pae Eon. O seu desejo era matar-te. Eu salvei-te. Vae e exige-lhe o que é teu.,,

De repente, eu que jamais pensara em ser rei, senti dentro do peito a vontade imperiosa.

— Desçamos a Volkos.

— Vou comtigo. Prudencia!

— Esse velho é um scelerado!

— Mas tem o poder.

O poder! O poder! Como eu sentia o

esplendor da palavra, como me enebriava a idéa de chegar a mandar! Mas em Yolkos, os homens e as mulheres, os velhos e as creanças, os humildes e os notaveis estavam na cupida preocupação do metal. A minha raça, a tua raça, de mynianos sonhava com as narrativas dos que vinham da Macedonia, de Lemnos, da Phrigia. Em cada um desses pontos, a imaginação puzera demiurgos forjando oiro. A idéa geral era: quanto mais para deante mais oiro deve haver. Nos momentos de obsessão de ganho como o que atacava o povo de Yolkos, o poder politico é secundario. Qualquer rei serve, quando não contraria a vontade geral. Peléas e a sua numerosa familia reinavam excitando a ganancia da multidão. Se em Lemnos o proprio Hephais-tas compunha oiro, se na Samotracea, os Kabyras esfarelavam a terra em pepitas ardentes, se no Pontico os genios do fogo derretiam o metal para os mortaes e o povo dizia haver oiro adeante ainda, Peléas inventara que para o fim do mundo «onde os raios do sol são guardados num quarto d'oiro», havia uma cidade cheia de oiro guar-

dando um vélo todo d'oiro levado a Etés, pelo nosso rei Phrixus, filho de Athamas ...

Certo a população não acreditava muito no presente de Phrixus. Mas antes a fantasia desculpava e excitava a idea fixa de ir lá longe buscar o oiro dos outros, menos defendido que o de Samotracea, o de Lemnos ou o do Pontico.

—Precisamos ir a Colchida!

—Quem terá coragem?

Eu tinha vinte annos e um mestre especulativo. Pensei que o poder se obtem por justiça ou por um bonito feito. Ao chegar ao palacio de Peléas já havíamos dito as nossas intenções a tanta gente e tanto me admiravam a formosura, que o velho rei tivera tempo de se preparar, com a habilitade de um politico. Estava só.

— Esperava-te! disse. Os deuses em sonho annunciaram-me a tua visita. O throno é teu. Mas antes debes realizar o desejo de todós nós: ir buscar a Colchida o vélo d'oiro. Quem melhor do que tu pode realizar tamanha empresa? Qual outro poderá imperar com mais gloria depois de arrancar

do rei Étés o vélo de Phrixus? És forte, és bello, és da raça que vence, és rei. Vae. Guardar-te-ei o throno.

Eu devia ter manchado as mãos no seu sangue. Mas, com vinte annos, a minha juventude pensava em illustrar o futuro dominio com uma acção incomparavel. Disse-lhe:

—Vou!

E não tive duvidas de que na volta seria o rei. Porque o povo aclamava Jasão, porque só se falava na viagem da fortuna, porque eu era aquelle que dera o impulso decisivo á realização da vontade de todos. Jovens ousados alistavam-se na minha companhia. Mulheres faziam promessas para que voltassemos victoriosos. Velhos abençoavam-me. Eu era o Rei, de facto. Para que apressar a renuncia de um pobre ancião? A nave, que denominei "Argo", era construida em apothese. Quando a consagrámos a todos os deuses a cidade estava possuida do delirio sagrado.

Assim partimos por uma clara manhã"

Houve um vasto silencio que o marulho do mar amargurava. Kypsélos animou-o.

— Continua, ó triste conquistador . . .

A sombra pareceu suspirar e a voz continuou:

“ — Na historia dessa feliz viagem, a lenda só permitiu que ficasse uma verdade: o sermos chamados de argonautas porque a nau se chamava “Argo”. Eu fartei-me na travessia apenas de mentiras e da tristeza de ver a degradação de creaturas de fama enorme. Iam no mesmo barco Castor e Polux, que se diziam de repente com conhecimentos de mineraes; Orpheu, o cantor religioso da Tracea, que afirmara ter aprendido numa escola assumptos metalurgicos, e o proprio Heraclés, heroe dos heroes. Se os adolescentes anonymos que remavam na “Argo” poderiam ter perdão de arriscar a vida para obter a riqueza, que dizer de Heraclés e de Orpheu, poeta cujo canto, asseguravam, arrastava as pedras? Amarga contingencia da vida! Heraclés ia trocar a pelle do leão da Nemea por um pedaço do velocino . . . Em cada porto em que ancorava-

mos, a nossa tentativa reunia adeptos. Todos queriam partir tambem. Os nossos iam aprendendo os segredos das terras que tinham minas e fundições. E quando em outro abrigo, para dar importancia á viagem, contavam fantasias sobre as coisas praticas que haviam visto. Assim a lenda das symplegadas, assim as harpias, assim os Kabyras. Os Kabyras eram simples operarios mineiros. De resto elles faziam bem, não só porque nada havia de notavel, como porque se hoje em dia um habitante das regiões hyperboreas vos visse a fabricar o bronze de prata, não deixaria tambem de vos attribuir qualidades de demiurgos . . .

Joven e puro, apenas mal conhecendo a vida, eu pasmava não só da mentira com que elles avançavam, como da solidariedade com que todos se eximiam de auxiliar-me, respeitando a Jasão como o chefe unico. Iam numa empresa de pilhagem para pilhar, e, á proporção que o barco se aproximava da meta, mais cupidos se mostravam, esperando de mim o grande lucro. Se eu o realizasse, todos aquelles homens me abando-

nariam depois da riqueza. Se eu falasse, abandonar-me-iam antes. Talvez nem um só hesitasse em sacrificar-me. Então, deante dessa revelação da alma dos homens, senti a necessidade imperiosa de vencer de qualquer forma, com infamia ou sem ella, e dentro do meu craneo as idéas de embuste e dolo se multiplicavam.

Quando certa madrugada o piloto annunciou que chegavamos á embocadura do Phaso, onde assenta a cidade d'Aa, reuni em conselho os argonautas.

—Ao nascer do sol estaremos deante de Aa. Se essa gente já soube da nossa viagem, não serão tão tolos que nos recebam com violencia. Nós viemos entretanto sem nada saber ao certo, a não ser que elles têm muito oiro.

—Para que o levemos! interrompeu Orpheu.

—Precisamos pois contemporizar até conhecermos os seus segredos.

—Quem veio cá conhecer segredos? bradou Heraclés com a sua habitual brutalidade. Estamos aqui para arrancar-lhes o oiro.

—Mais facil será, sabendo onde o guardam. Assim, a nossa missão, a missão dos argonautas é ligar o mundo nessa viagem. Missão generosa. Eu trago a incumbencia de pedir o vélo d'oiro de Phrixus—que de certo não existe. Dentro da praça agiremos, quando fôr ocasião. Para isso, porém, exijo que me obedeçam e cumpram o que eu digo.

—E que ordenas tu?

— Que cada um se comporte bem á espera do momento, que cada um tenha cem olhos para ver e contenha a sua ambição. Responsabilizo-me pelo resto.

—Falas como um rei! exclamou, abraçando-me os joelhos, o velho Kirão.

—Serás obedecido, ó Jasão! gritavam os argonautas.

Horas depois fundeavamos defronte de Aa, no reino do rei Etés. A população acorreu á praia. O soberano mandou-nos um emissario. Aos nossos nomes, á razão da nossa viagem, o emissario offereceu-nos em nome de Etés a hospitalidade. Desci da "Argo" para o palacio do rei, que me espe-

rava numa grande sala forrada d'ouro, em que todos os utensilios eram de ouro. Etés estava sentado num throno baixo, ladeado de leões de ouro, quando, depois de lavado e untado de perfumes, appareci. A seu lado a esposa olhava-me com susto. E aos pés do throno, com um petiz pela mão, uma creatura maravilhosamente bella sorria. Era a princeza Medéa.

— Agora que estaes refeito, ó argonautas de nome illustre, contaes ao que vindes.

A sala estava cheia dos maiores homens da Grecia. E eu via no polido aureo das paredes, a multiplicação das faces gloriosas dos argonautas e o meu perfil joven e bello dominando-os. Falei. Elles ouviam. E sem querer eu falava para a princeza, cujos olhos pareciam no desejo de devorar-me.

Terminada a narrativa, Etés insistiu:

— E nada mais tens a dizer?

— Trago tambem uma mensagem do rei Pelias, da qual depois te darei conta, ó Etés, se não te offende a demora.

— Não! Todos vós em Aa são sagrados e hospedes.

Estavamos na primeira victoria. Era preciso agir. O nosso desejo teve logo um contentamento. Como a população nos olhava com pasmo e admiração, ninguem se lembrou de não fazer o que habitualmente fazia, de modo que os argonautas não custaram muito para descobrir como na Colchida se obtinha oiro. Era mais facil que em qualquer outra parte por onde passamos. O rio Phaso arrastava nas areias milhares de pequenas palhetas d'oiro. Os habitantes d'Aa apanhavam-nas mergulhando na correnteza pelles de carneiro com toda a lã. As palhetas ficavam nas lãs. Cada pelle que levantavam era assim um vélo d'oiro.

— Não deixava de ser verdade a lenda do velocino! philosophava Kirão. Como ha em todas as lendas uma particula de verdade!

— Levaremos não um vélo mas muitos, segredava o poeta Orpheu.

— Melhor seria levarmos o oiro já trabalhado! urrava Heraclés.

Eu, entretanto, fazia a côrte a Etés, porque sentia perto de Etés, Medéa. Ella era linda como um raio de sol e tinha um noi-

vo, Perseis. Depois da minha chegada era evidente não o amar. Jamais pensei seguil-a nos brincos de Aphrodite. Mas qual o homem que não sente a *sympathia* da mulher, e principalmente qual aquelle que pode resistir? . . .

Ao cabo de alguns dias, havia difficuldades em conter os argonautas. Elles estavam na ancia da rapina. Só com promessas e conselhos conseguia convencel-os do erro de um assalto, que seria a chacina de todos nós. Era preciso voltar. Eu tinha de ser Rei. Esperassem a occasião. E deante de Medéa, cada vez mais nervosa, eu com um secreto presentimento explorava as suas pretenções de princeza advinha.

— Quando partes, ó Jasão?

— Consulta a tua sciencia, ó protegida dos deuses!

Ella era a flor da casa de Etés. Permittiam-lhe todas as liberdades e todas as fantasias. Como, de repente, a tremer, impressionavel, ella caisse presa dos deuses e a sua intelligencia fosse acima do vulgar, o rei, o irmão, as escravas, o povo, o noivo, tinham-

na como voz da divindade. A sua boca de romã, o seu riso aspero que ás vezes terminava em lagrymas, o brusco e rude movimento das suas mãos, o seu andar voluntarioso e untuoso, infiltravam-me o desejo. Eu era porém o homem que deseja ser Rei. Esse, toda a volupia elle a guarda para o mando futuro. E todas as satisfações dos instinctos elle as faz secundariamente, como preparos para a victoria, ou como tranquillisações immediatas e necessarias. Eu contava que a mulher jamais entrasse na minha vida como primeira preocupação, comprehendendo aliás que, sendo amado, me deixaria amar fielmente. Os grandes ambiciosos são os passivos do amor. Medéa seria uma esposa amavel . . . Mas já estava prometida a Perseis! Instantes havia em que os meus vinte annos subiam-me á cabeça e eu latejava na ancia de possuil-a. Seria entretanto o desastre para o bando que comigo viera e com o qual, cheio de oiro, contava para forçar talvez a renuncia de Pelias. Então, deante do rei, ou com ella, eu tomava o aspecto modesto e melancolico. Suspirava de vez em

quando. E ella, aos poucos exasperada por essa resignação alheia da paixão, só podia occultar o amor aos cegos.

— Se estás doente, curar-te-ei. Sei o segredo de todas as plantas e com ellas reanimo os fracos como prostro os vivos no somno ou na morte . . .

E sabia mesmo. Talvez soubesse . . .

Um incidente desastroso veio apressar os acontecimentos. Orpheu, em passeio pelas margens do Phaso, tentara apropriar-se de um dos vélos que certo trabalhador retirara cheio d'ouro da agua. O trabalhador resistira. Tinham-se atracado. Eram as leis da hospitalidade por terra e a ocasião para que Etés terminasse aquella hospedagem tão inquietante. Fui com a maioria dos argonautas dar-lhe satisfações sem saber bem o que teria de fazer depois.

Etés recebeu-nos mantendo a calma. E sem me dar tempo de falar, disse quando me viu no salão forrado d'ouro:

— Sei que vaes continuar a tua rota gloriosa, ó valoroso capitão dos argonautas. Que os deuses te acompanhem!

Um murmurio dos argonautas preveniu-me de que teria de agir logo.

— Sim, ó rei magnanimo. E se guardei para a despedida a mensagem do rei Pelias foi pela certeza de que satisfarias o seu pedido.

— Dize o que deseja Pelias.

— Deseja que restituas á sua patria o velocino d'oiro que Phrixus rei para cá trouxe.

Um corisco fusilou no olhar do soberano. Eu via-lhe no rosto que elle sabia bem a grosseria do embuste mas que ao mesmo tempo receiava por muitos vélos. As mãos prendendo os braços d'oiro do throno, elle continha-se, tendo ao lado Medéa, que tremia. Afinal, o rei levantou-se.

— O' filho de Alcimeda, viste a nossa terra e o nosso trabalho. E' justo que leves á Thessalia as provas do nosso esforço para os consagrares aos deuses protectores. Dar-te-emos algumas dessas pelles que tens visto.

— Eu peço em nome de Pelias o vélo de Phrixus.

Ambos mutuamente nos enganavamos, elle querendo desembaraçar-se por pouco e vendo que eu queria muito. Então, de certo a architectar o seu plano de destruição de todos nós, e com as mesmas armas de mentira de que havíamos abusado, disse:

— Outros não haverá melhores do que vós, descendentes de deuses para conquistar o vélo de Phrixus.

E' preciso para o obter domar dois touros de corno e pata de bronze, presente de Hephaistos, pol-os numa charrua de diamantes, com ella arrotear um campo consagrado a Marte, nelle semear os dentes de um dragão e combater os homens armados que desses dentes hão de nascer! Isso no espaço de um dia. E' a ordem dos deuses.

— E não ha mais nada? indaguei.

— Ha ainda. E' preciso matar o monstro que guarda o velocino.

O clamor colerico dos argonautas reben-tava, quando eu respondi:

— A empreza é difficil. Mas com o teu auxilio, ó magnanimo Rei, nós a realisaremos.

— Quando partes?

— Amanhã, após ter conquistado o velocino.

— Amanhã levar-te-ei ao campo onde passem os toiros de Hephaistos.

E com um gesto largo despediu-nos. Em colera e de roldão saímos todos. Ainda em frente ao palacio, os argonautas cercaram-me, querendo desde logo a luta e o saque. Havia mesmo alguns em cujo olhar eu via a censura e o começo do odio contra mim. Quem fôra o culpado? Eu! Quem os tentara? Eu! Atordoado, sem saber o que fazia, eu só desejava entretanto adiar o desastre com a esperança num milagre. Falei. Para mim Etés fôra insensato. Não havia, como era natural, toiro algum. Nem de Hephaistos, nem de outro qualquer deus. Etés falara por alegorias, contando com o povo. Mas o povo abalançar-se-ia a combater com Heracles, com Castor, com Pollux, com creaturas divinas quasi? Pela madrugada nós resolveríamos o ataque de surpresa. E os argonautas só tinham uma coisa de sensato a fazer: recolherem-se a "Argo," e preparal-a para partir a qualquer hora.

— E tu?

Tinhamos vindo a falar pelo caminho. Olhei. Estavamos em frente ao templo de Hecate. Para ganhar tempo, compenetrei-me.

— Eu fico a orar no templo de Hecate.

Ahi verifiquei a utilidade dos poetas, quando são agradecidos. Orpheu, cuja feia acção eu não censurara, murmurou:

— Fazes bem. Dil-o-ei a Medéa....

E eu que não pensara em Medéa, entrei no templo tendo a ancia de vêr Medéa, acreditando de subito que d'ella dependeria a minha sorte e querendo de qualquer forma agir contra Etés. Era um estado curioso...

Houve de novo uma pausa. A sombra suspirava.

— Continúa! pediu Kypsélos como uma creança interessada por uma lenda de maravilhas.

— Desculpa, ó joven ambicioso, o demorar-me tanto em pormenores. Mas é dos vencidos sabor amargo recordar com minucias os grandes momentos dos triumphos que para nada lhe serviram. No templo de He-

cate estava sem throno, estava perdido. Pensava e o meu coração batia num desejo desesperado. A palavra de Orpheu roia-me de esperança. Se a filha do rei apparecesse, se eu a tivesse ali, a sós commigo! Talvez me ajudasse, talvez me aconselhasse, talvez podesse arriscar com exito o golpe fatal. Era uma noite de lua, e no tropel dos meus desejos eu via a lua subir no azul... De repente estremeci, retendo um grito. Medéa estava junto a mim, os cabellos de oiro presos ao alto da cabeça, uma tunica azul cobrindo o seu pequeno corpo perfumado.

—Jasão! Jasão, que vaes fazer?

—Morrer com os meus, vendendo caro a vida!

—Jasão!

—Sabes bem a nobreza do meu coração, ó Medéa—tu mais que os outros. Etés ofendeu-nos, julgando-nos scelerados ambiciosos. Se algum de nós estivesse aqui por cubiça, querendo violar a hospitalidade, eu não teria escondido do teu olhar o amor que me devora.

— Jasão!

— Sim! Já agora t'ó digo. Sim! Porque os deuses, no seu inclemente designio, fizeram o incendio da minha vontade no amor por ti! Perdoa, princeza, perdoa que eu fale! Mas antes que te vás, antes que pela ultima vez nos vejamos, eu quero dizer: Eu te amo! Eu te amo! Eu te adoro!

Ella apoiou-se tremendo a uma das columnas. A sua boca era uma entre-aberta rosa. O seu seio palpitava. Então no desespero de fazer mal e de contentar o meu corpo que a pedia, envolvia-a. A gula do meu beijo fel-a torcer-se como uma serpente, enlaçar-me o pescoço.

— Perco a razão! Os deuses cegam-me! Desde que te vi! Não morrerás!

— Como voltar a Iacos sem o vélo d'oiro, eu que sou Rei e Heroe? Morrerei. Mesmo teu pae terá de guerrear comigo.

Acariciava-a, beijava-a, apertava-a. Ella desfalecia. Eu não sabia se murmurava não! contra a minha morte ou contra o meu desejo. Perdido tudo, ao menos esse prazer eu levaria. No portico do templo de Hecate,

como quem entorna uma urna de jaspe, curvei-a. E a possuí vorazmente...

Quando ella voltou a si do doloroso prazer, o seu olhar de amortecido tornou a fulgir.

— Vou contigo!

— Vem! Já não te posso dar um throno sem os vélos d'ouro. Mas vem!

— Podes sim! fez ella sorrindo. Tu não tinhas fé na minha sciencia. Graças ás hervas que conheço — elles dormem e dormem profundamente. O toiro de que te falou meu pae é o povo que só amanhã despertará. O dragão guarda do vélo compõe-se dos soldados que velam pelo thesoiro. Elles dormem tambem profundamente.

— Que fizeste tu?

— Dou-te um pouco da fortuna do meu pae e dou-me!

Ella era bem mulher. Falava como se a familia fosse-lhe inimiga. Queria o homem que lhe agradava. Só. Que horror o egoismo de uma mulher que ama! Eu, entretanto, não pensava senão em aproveitá-la.

— Falas com a verdade?

— Por Hecate!

— Que devo fazer?

— Vae buscar os argonautas e leva-os ao thesoiro. Tenho a chave da porta. Elles carregarão o oiro e antes da madrugada...

— A "Argo," terá partido levando a clari-
dade maior da tua belleza.

— Vae! fez ella.

E eu, traçando o manto, corri na noite cheia de lua.

Não me custou fazer comprehender aos argonautas que os convidava para o thesoiro. Estou convencido de que nenhum d'elles quiz se dar a esse trabalho — tão pouco lhes falei em Medéa e nos narcoticos que ella espalhara. Avidos, aduncos, elles acorreram. E quando chegamos deante dos soldados de borco, roncando no chão, Medéa, que se encostara á porta, ao ver-nos, abriu-as de par em par e atirou-se a mim, pallida, tremendo. A onda precipitava-se nas vastas salas.

Quadro scelerado o d'esse saque sob a afronta do somno! A negrura da treva no immenso casarão foi de subito rasgada, esburacada, pela dança das tochas. Os bran-

dões ardiam, crepitavam, corriam e á luz indecisa, movediça, viamos como num sonho horrivel, as chamas das achas ateando-se ao incendio solido de um thesoiro sem par. Eram vasos e pratos d'oiro, eram krateras d'oiro, eram utensilios d'oiro. Eram pelo chão grandes fardos d'oiro d'onde o oiro em palhetas saltava. O tecto escorria oiro; as paredes tinham a cobri-las até ao tecto barras d'oiro.

Os argonautas saqueavam. Todos, homens do remo e descendentes dos deuzes pareciam allucinados. Vi os Dioscuros atirarem-se os dois a uma kratera disputando-a. Vi Kirão o sabio a correr abraçando pratos d'oiro. Vi Heraclés pôr ás costas os surrões d'oiro em pó e sair em disparada, para voltar em busca de mais. Pallida, os olhos muito abertos, encostada a mim, Medéa olhava. Eu sentia por toda aquella gente desprezo. Que queriam elles? Oiro! Apenas oiro! A fraca raça humana! Quão inferiores a mim, que queria a gloria, queria ser Rei! Já as estrellas empalideciam no ceu qaando Medéa murmurou:

— Basta.

Gritei no pavimento:

— Partamos! Elles vão acordar!

Os heroes subitamente cobardes deitaram a correr. Não ha como a posse do oiro para acobardar. Quando me vi só com Médéa sinceramente senti naquella mulher a companheira que facilitara o meu destino. Disse-lhe pois:

— Ó tu cuja presença vae embelezar-me o lar, tu, só digno prémio d'esta viagem, sabe que não mais desejo o velocino desde que a ti te tenho. Mas, como podes dar — dá-m'o!

Ella penetrou pela poeira de oiro do thesoiro e penetrando numa estreita cella d'ella trouxe uma pelle de carneiro toda de oiro.

Então, escudando-a no tosão reluzente, minha vontade e minha esperança, corri com ella ao collo até ao mar. Era tempo. Os meus fieis companheiros, receiosos de que os soldados e a população acordassem, estavam prestes a me deixar em terra. E ao ver-me no alto barco, na gritaria dos heroes satisfeitos, eu bradei:

— Argonautas, toda a força dos remos! Sigamos!

Kypsélos, embevecido, continuava a ouvir. A sombra entretanto parara um pouco. Coordenava de certo o tumulto da memoria.

— Lastima é os homens não aprenderem jámais na experiencia alheia! falou de novo Jasão. Quanto o meu exemplo serviria aos que são victimas do amor da mulher e da boa fé nos homens! Espantara-me a cobiça dos argonautas, assombrara-me o modo porque Medéa abandonara a familia por um desconhecido. Dois dias depois de estarmos na "Argo," Medéa deu a minha alma ingenua um aspecto da alma feminina. Chorava e lastimava-se exactamente por ter abandonado a familia. Ouvindo-a era como se a tivesse tomado á força para tornal-a desgraçada. Quasi criminoso na consciencia fiz parar o barco na ilha da nympha Pencé, para ahi realisar o nosso hymineu. Era um dia limpido. Os argonautas foram caçar para o festim. De pompa havia apenas o velo d'ouro que nos servia de throno. E de repente ouviu-se o alarma. Avistavam-se ao longe os barcos do rei Etés vindos em nossa perseguição...

Os heroes começaram de gritar que fugissemos. Os Dioscuros propunham que deixassemos Medéa.

— Fugamos! Não nos sacrificuemos por uma estrangeira! Nós não roubamos mulheres!

Medéa, furiosa, transfigurada, impreca-va-os.

— Digno pago daes a quem vos deu tudo!

E como eu não soubesse que attitude tomar, bradou:

— Se me deixares, as furias te acompanhem!

Doloroso momento, em que eu ainda não Rei temia a turba e temia a mulher... Felizmente, os barcos não viram "Argo," escondida na enseada. Os inimigos pensavam muito justamente que, perseguidos, nós não iríamos ancorar numa ilha deserta. Assim, passado o perigo, dois dias depois concertei com o piloto mudar de rota, indo rumo diverso ao dos barcos de Etés. A viagem fez-se então calma. Em cada porto a que arribavamos os argonautas contavam taes façanhas que eu proprio cheguei a acreditar ter vencido o

toiro de Hephaistos e depois o combate naval contra vinte triremes inimigas na ilha da nymphá Pencé... Joven ambicioso, és a primeira pessoa que ouve a verdade sobre a viagem que a mentira tanto tem illustrado. Como te dizer o meu sentimento ao aproximar-me de Thessalia? Eu duvidava de que Medéa fosse para mim sempre bem, eu contava que o velho Pelias tremesse á minha vista, e que o povo me aclamasse. Erro confuso.

A minha chegada foi a apotheóse. Deante da "Argo," e dos argonautas que desciam a terra carregados de oiro, todos os seres da cidade viam haver um novo caminho para enriquecer. Caminho facil, simples. Eu não trouxera só oiro; trouxera até a neta do Sol. O mysterio da Colchida, pelo qual anhelava a imaginação do povo estava desfeito. Eu era um bello homem que ensinara o que cada um d'elles ia fazer! Se tivesse prometido em vez de dar, elles teriam derrubado o velho Pelias. Mas, tendo dado tudo quanto era possivel, nenhum se lembrou nem para bem nem para mal, de que devia ajudar-me a to-

mar o meu throno. Estavam todos occupados em fazer barcos. Pelias, conhecedor dos homens, recebeu-me como um general a quem elle tivesse mandado vencer. Medéa olhava as filhas do rei e as outras mulheres, inteiramente despreocupada de outra coisa que não fosse a minha posse. Eu era o chefe dos argonautas a que ella dera a gloria.

Fui ao palacio do Rei, só:

— O' Pelias, venho saber quando cumpres a tua promessa.

— Jasão, querido de Venus...

— Quando me dás o throno?

— Dei-te a gloria; espera que eu morra. Certo estava de que voltarias victorioso para te fazer desposar uma de minhas filhas. Mas tu já casaste. Espera.

Tentei ver se contava com o povo. Não contava. Tentei ver se demovia os soldados. Elles eram pagos com o dinheiro de Colchida largamente. Então, fraco e desesperado, chorei no regaço de Medéa, contei-lhe tudo, mesmo a idéa de Pelias falando de casamento.

— Serás um desgraçado se me repudiares,

disse ella pensando apenas no seu caso pessoal. Eu extinguirei esse velho infame que me odeia porque te dei a victoria!

Em plena gloria, como não me aproveitara d'ella, todos m'a tinham dado: Pelias, o scelerado, Medéa, o velho Kirão, cada um dos argonautas... Miseria das miserias! Entretanto, ainda alimentava esperanças, mantendo-me em Iolchos. Medéa fizera-se amiga das filhas de Pelias, ensinando a essas raparigas insignificantes mil segredos de tentação, receitas para dormir bem, orações para bons sonhos. Eu agitava-me, indo a palacio diariamente. Quando Pelias morreu horas depois de comer um pedaço de boi sacrificado a Posseidon por Medéa que jurava vel-o rejuvenescer, corri a morada real gritando: Morreu Pelias! Sou o Rei! Venham! Os curiosos seguiam-me. Mas quando entrei, a guarda embargou-me os passos e eu vi coroado o filho de Pelias, Acarte, que bradava:

— Jasão! És nosso inimigo. Condemnote! E só os teus feitos impedem que te dê castigo maior que o do exilio. Dentro do

espaço de um dia embarcarás na "Argo," e nunca mais poderás voltar.

— Ladrão! Roubas o throno que é meu!

— Agarrem esse infeliz!

De rastros, maltratado pelos guardas, dei-xei o palacio. Na praça o povo olhava silen-cioso. Estavam convencidos de que perdera a razão, se é que o povo está convencido de qualquer coisa alguma vez...

Nessa mesma noite a "Argo," partia para a sua segunda e ultima viagem. Vinha com-migo só Medéa. Ella parecia inconsciente, sem participar da minha agitação.

-- Seremos ainda muito felizes!

— Como?

— Quando fôres Rei!

Nesses instantes odiava-a totalmente. E era então que a ella me entregava com mais furia. Ella percebia, ella talvez os alme-jasse...

O primeiro porto que a "Argo," divisou foi Corintho. Desci. O rei e a filha recebe-ram-nos como se recebem as glorias inofensi-vas. A multidão veio ao nosso encontro como se estivesse diante de personagens divinos.

Agradou-me tanto o acolhimento que retirei d'agua a "Argo," e tão desgostoso estava, tão certo de ter falhado, que a consagrei a Posseidon.

O ridiculo de um homem moço que após realisar sem utilidade para si uma grande coisa, não faz mais nada! Eu vivia sendo amado e norteado por Medéa. Quasi sempre ia á noite palestrar com o bom rei Creão e a filha. Tanto Creão me julgava pouco perigoso quanto a filha se interessava pelas minhas historias. De resto todas as mulheres me olhavam com curiosidade — o que parecia manter candente a paixão de Medéa. Quando passava pelas ruas, apontavam-me:

— Lá vae Jasão, o que arrancou ao Phaso o vélo d'oiro!

E á chegada de estrangeiros uma das perguntas fataes era:

— Já viste Jasão, o chefe dos argonautas, nosso hospede?

Eu era uma especie de curiosidade, de prenda da cidade. Assim vivi largo tempo. Nessa vida não vivida veria Medéa ter dois filhos. Para que? Para que dois filhos, se

não tinha que lhes deixar? Era tal a minha surda e latente colera que julgava não os amar. E ruminando o desejo de uma ocasião para realisar a minha ambição, com quasi quarenta annos, de tanto contar a aventura em que errara a vida, eu tambem mentia, inventava, adulterava. Era o aniquilamento.

O rei Creão recebia quasi sempre visitas reaes. Ficava Corintho em festa. Medéa, princeza, neta do Sol, Jasão, principe, chefe dos argonantas, eram figuras obrigadas. Como Medéa tinha a molestia de fazer os homens reverentes, por essas ocasiões eu conquistava a liberdade de poder agir. De uma feita, appareceu Egeu, rei de Athenas. Era um bello homem. Se Medéa lhe causou funda impressão, elle foi assaz gentil para me dizer palavras de alta consideração, deixando-me entrever a possibilidade de uma victoria, se Creão me auxiliasse.

— Elle não fará isso.

Finamente, o rei de Athenas sorriu:

— Conforme. Pelo pouco que vi, sei quanto o admiram as mulheres.

— E então?

— A filha de Creão ainda não casou...

De repente comprehendí o veneno do atheniense. Sim. Era claro. Creão não me ajudaria não sendo eu da familia. Mas se Medéa fosse repudiada, se eu pedisse a mão da filha de Creão ... Oh! sim! Eu ainda seria rei da Thessalia, como asseguravam os vaticinios! Para isso bastava apenas ser cruel uma vez, abandonar a mulher que me estragara a vida. Nessa tortura d'alma passei tempo. Cada dia a colera avolumava em brutalidades contra Medéa. Não! Era de mais. Dera-lhe fama, arrancara-a a uma terra selvagem, e em troca ella era o estorvo á minha ambição. Tudo tinha um fim. Que se fosse! Que se fosse. E muita vez a minha mão bati-lhe.

No dia da festa da partida de Egeu, a colera de que estava possuido, foi maior. Medéa reagia.

— Mas que queres tu, desgraçado?

— Quero que me deixes a vida livre.

— Tens dois filhos.

— Quero ser Rei.

Ella ficou pallida.

— Queres casar com uma princeza cujo pae te auxilie.

— Quero! quero!

— Queres repudiar-me?

— Sim! Quero!

— Desgraçados! Desgraçados nós ambos que não comprehendemos os desígnios dos deuses. Tu não me deves nada, Jasão. Adeus!

Ultima palavra amarga. Ella desaparecera. Eu ficara meditando, certo de que seria impossivel com tão pouco convencer aquella tremenda mulher. Á espera da sua volta a cada instante, nem voltei á festa em honra de Egeu, rei de Athenas. Mas, de repente, no alvoroço da cidade, ouvi o rebato do pavor. Corri. O povo gritava. Indaguei. Após a partida de Egeu, o incendio rebentara nos aposentos da princeza. Presa das chammas ella correra ao pae. Abraçados, o fogo atissara-se á tunica do rei Creão. Ambos morriam no palacio em fogo. Precipitei-me. Louco de colera porque pensava na perversidade vingativa de Medéa. Na praça, Marmon, o novo rei, chorava Creão. Indaguei de Medéa. Ella

partira muito antes com os dois filhos, em companhia de Egeu, rei de Athenas...

Estava acabada a obra do amor; Irrevogavelmente eu não seria mais nada.

Fosse por sabel-a com outro, fosse por me ver só pela primeira vez, em vez de allivio eu tive tristeza e rebentei aos soluços...

Tambem foi-me impossivel depois mesmo a esperança. Vivi solitario. Perdera o amor, não me servira da gloria, acabava miseravel, sem dedicação alguma, só pelo sonho não realisado. E não o realisara, e não o realisei porque? Por não ter decisão; porque, tendo aprendido com um sabio, jamais deixei de reflectir em vez de assaltar; porque, tão ruim, tão egoista, tão mau como os outros mortaes eu dei e provei antes de matar e possuir. Se ao descer da montanha tivesse arreben-tado a cabeça de Pelias, eu teria sido o Rei, o Conquistador, e não teria encontrado Medéa e teria corrido na felicidade. Assim, por não ter agido só para mim e não para a gloria, acabava em tão grande miseria que morava na propria nave com a qual trouxera o oiro da Colchida.

Emfim, uma noite, eu que agasalhava o vélo d'ouro, não pude mais. Serrei uma velha trave da "Argo", e quando ella estava quasi a quebrar-se, com ella me abracei e com ella cai. A trave esmagou-me. Assim acabou Jassão...

Os homens da praia e os curiosos foram levando aos poucos pedaços da "Argo". Até que certo pescador levou a quilha e fez um barco novo. Do velho só ficaram as legendas inverosimeis de mortes, encontros e crueldades. A verdade é muito mais amarga. Perdoa se te aborreço revelando-ŧ'a. Mas tu, ó joven ambicioso de Corintho, tu queres dominar. Eis porque eu te apareci para dizer-te: Cada homem tem um vélo d'ouro a conquistar: é o poder sobre os outros. Tolo é aquelle porém que o conquista antes para os outros pensando na recompensa. Conquista o teu vélo d'ouro. Assalta, mata, apossa-te. Mas não peças nunca o auxilio do amor que é a mulher nem sejas senão voraz e cupido — porque pelo menos o mal irrevogavel que tens de fazer será para a tua immediata e exclusiva utilidade. Anda, vai, Kypsélos, se-

gue o teu destino. Reflecte em Jasão, o maior desgraçado que, vivo, era o sobrevivente da gloria que dera aos outros por não ter tido a força de só querer para si tudo, toda a vida. Vae. Apossa-te. Mata . . .

E olhando o columnario do templo, — o joven corinthio viu que a sombra desaparecera.

Tempos depois a tremenda olygarchia dos Bachides, forte de duzentos chefes de familia, era massacrada num levante geral de Corintho. E subia ao throno um joven ambicioso de nome Kypsélos, o qual, depois de rei, distribuiu riquezas e fundou cidades. E que no dizer de Aristoteles governou esplendidamente por espaço de varios lustros.

Mas — quiz o Destino — que de Jasão o louco, ávido de gloria para dominar depois eternamente, continue a falar a gente humana. E de Kypsélos, que ouviu o bom senso, e conseguiu tudo, ninguem lhe saiba hoje da existencia . . .

Pavor

Soprou a luz. Deitou-se. Chegara ao quarto, se bem que fatigado, ainda mais excitado. Não ha quem não tenha as suas noites de aguçados nervos, de caminhadas pelas ruas, apressado e sem destino. Tivera uma dessas noites e de chuva, molhada por constante, continua, alagadora chuva. Eram tres horas da manhã. Estava exausto e no auge da excitação vaga. Chegou, despiu-se, soprou a luz, deitou-se, cerrou os olhos, apertou as mãos, fazendo esforços para não pensar e dormir immediatamente. Vibravam-lhe os nervos, tinha a boca amarga, o labio secco. A passeata perdida sob a chuva entristecera-o, enchera-o de uma dor inquieta, de um receio indeciso. E estava ali, querendo dormir, só dormir, senão dormir.

O quarto estreito e pequeno com a janela abrindo para um pateo, era no 1.º an-

dar de uma immensa casa de commodos do Cattete,—quarto pequeno, quasi corredor, no lance posterior do predio. A janela por onde entrava o ar defrontava com a janela de outro quarto. Olhando-se para cima, com certo esforço, via-se o céo. E não se podia dar conta do que faziam em baixo, porque havia uma cobertura de vidro fosco a tapar os olhos, bem rente do peitoril das janelas... Fôra ser o habitante daquelle commodo com o firme proposito de lá não parar dois dias. Estava lá, já passavam dois mezes. E, deitado, com os olhos fechados, ia pensando de novo todas essas coisas sabidas e repensadas. O cerebro não descansa.

—Horriavel toca!

Virou-se, procurou aconchegãr-se ás coberturas na cama dura, voltou a cabeça, descerrou lentamente os olhos e, sem ter disso desejo, foi abrindo as mãos e ficou assim, os sentidos fluidificados, olhando a treva. A treva tem varias côres, desde que a ella se habitua a retina. De negrura absoluta, vai num tenue pallor ao esbranquiçamento sudarisante. Parece de pello de rato transpa-

rente e além do poder de transformar os objectos tem a força mysteriosa de alargar, de dissolver, de acabar com as medidas tornando-as vagas e indefinidas. Quem póde ter a sensação do tamanho exacto de um quarto em treva? A treva age de tal modo que quasi nunca é possivel uma noção justa.

Elle ia a descansar no relaxamento dos nervos. Já o ambiente lívido e o distante rumor da rua não eram sentidos na modorra, já o seu sêr vivia no estado hypnogogico que precede o somno. Quando, subito, uma sacudidella brusca de nervos, com uma contracção galvanica, trouxe-o á vida mergulhando-o no terror. Precisamente patas felinas andavam pelo corredor, deslisavam, corriam, entravam no seu quarto, remexiam nos papeis da mesa. Voltou-se completamente com o ouvido direito na travesseira, segurando, tremulo, a colcha. O ruido, surdo, escorregadio e leve continuou. Parecia um animal resolvido a brincar na escuridão da alcova. Então, abrindo muito os olhos como para se apossar da treva, poz os pés fóra da colcha, atirou com a perna, silvando baixo.

— Passa fóra!

A perna deu na sua cadeira de balanço. No soalho resoavam os balanços, a principio apressados, depois a pouco e pouco morrendo. Mas o ruido, os outros ruidos continuaram. Outros ruidos porque eram dois, dividiam-se com uma subtil maciez.

— Passa fóra! repetiu mais surdo.

Na sua mente passavam a galope varias explicações do ruido. O gato da pensão? O Manoel, creado da casa de commodos? O gato já teria fugido. O Manoel responderia. E de resto estavam no seu quarto. Indagou.

— És tu, Manoel?

Deslisantes e rapidos, os ruidos continuaram. O seu armario estalou como se o abrissem. Isso lhe deu coragem.

— Fala, homem! Não me faças levantar!

Não. Não era o Manoel. Seriam ratos. Grandes ratazanas, poah! e baratas... Que horror! Mas o barulho da cadeira balançando no soalho tel-os-hia espantado. Não era o gato, não era o Manoel, não eram nem ratos nem baratas. De repente uma idéa atra-

vessou-lhe o cerebro, rapida, violenta, como um espigão de aço ardente. Deixara a porta aberta. A porta do seu quarto estava aberta! E, bruscamente, como se qualquer coisa no ambiente o enfraquecesse, uma coisa inexplicavel, incomprehensivel, sentiu a garganta presa, o suor nas temporas.

— Quem está ahí?

As palavras saíram-lhe a custo, um terror vago se osmogava no seu organismo. E ninguem respondia. Então puxou a colcha, encolheu os joelhos, abriu muito os olhos, sentindo, ouvindo com uma acuidade subitanea os vagos rumores. Eram ladrões... Sim. Eram. Elle ouvia estatelado, á espera de uma horrivel desgraça o drama impalpavel da sombra. E imaginava a cada ruido. Não era um aliás, eram muitos, eram diversos, todos deslisantes, mas subtis e rapidos, ou graves, espaçados. Havia alguns quentes, que pisavam no corredor sem receio, outros que lhe abriam gavetas e pegavam em papel de jornal e sahiam, voltavam, tornavam a sair, iam, vinham incessantes. De uma vez abalaram-lhe a gaveta da commoda. Sentiu

os estalos intervallados da madeira que cede. Depois o mesmo papel pegado, depois passos que se apagavam no corredor, que se sumiam, como se tivessem deslizado e sumido pelas gretas betuminadas do assoalho. Sim. Estava sendo roubado por gente forte que o ia matar. Não lhe escutavam a voz, não o impediam de gritar. Eram indiferentes e superiores. Um grande medo vago, surdo, doloroso, correu-lhe nas veias, esfriou-lhe o sangue das arterias, apertou-lhe as amygdalas, poz-lhe na testa um suor de gelo. Estava sendo roubado. Estava sendo roubado por assassinos, que fariam morrer se resistisse. Deus! Eram muitos, eram macabros, eram satanicos. Andavam, moviam-se, passavam rentes á cama, afastavam-se, uns sempre subtis a correr, num escarninho brinco, outros em chinellas, outros de sapatos de corda, outros deslizantes. E olhavam-no a elle que, perdido e só, não os podia ver, por mais que a tréva se dilatasse e a luz negra da noite pelo buraco do pateo esfumasse opacamente as bandeiras da janela. Que seria? Como acabaria aquillo? Qual-

quer coisa que tinha de acontecer e ainda não viera, desvairava-o. Sentia a hyperesthesia epidérmica dos olhos alheios que sobre si se fixavam. Era olhado. Ali, só, na cama, olhado e conhecido por um bando de olhos que o viam, que o possuíam, que o inibiam de um movimento. E tremia, os queixos batiam como se gelasse na alcova, a pelle tinha dores vagas, os cabellos pareciam-lhe um capacete que se despegasse do craneo e a garganta secca estava como presa entre dois dedos, dois enormes dedos, que o iam torcendo com o prazer de sentir a tortura convulsa do corpo.

Com as mãos entre os joelhos e os joelhos no ventre, elle olhava, sentindo a máscara de suor, que lhe ia da testa ao queixo, escorrer, pondo arripios pelo pescoço abaixo. E naquella posição, olhos arregalados, comendo a tréva, queria ver, queria avaliar na negrura da tréva o espaço do quarto para escapar, para salvar-se.

Os ladrões, apesar de nada ter de valor, continuavam a roubar-o, a mover-se. O drama invisível da tréva continuava o mesmo.

Então sentiu no estomago um espasmo de dor aguda. O sangue affluiu ao parietal, latejou como se o quizesse rebentar. Não podia mais. Não! Vagorosa e subtilmente, para enganar os que o olhavam e pelas caimbras nas phalanges, ergueu de vagar o braço, aconchegou a mão por traz da orelha. Não a poude tirar de lá. Ouvia nitidamente todos os rumores mais, mais claros no galope do seu proprio sangue, que batia nas pontas dos dedos, pulsava no parietal, borboteava na carotida, e dentro do peito abria e fechava vertiginosamente o seu coração. O pavor prendia-o, o medo quebrava-lhe os musculos, o terror alastrava-o, abria-lhe os olhos para lhe dar a allucinação de julgar ter sobre si os olhos dos invisiveis assassinos — todo o corpo como fulgurantisado de ardores crueis de olhos, nas rotulas placas viscosas como olhos arrancados ás orbitas, no ectimoide, na fronte, ligando num strabismo do seu olhar outro olhar enygmatico e terrivel... E não acabava mais. A casa parecia abandonada, de todo morta. Nem uma luz apparecia. Ninguem acordava. Da rua não

vinha mais rumor algum. Só aquelles mysteriosos sêres continuavam e igual continuava o mesmo estalar da madeira, o ruido de pisadas graves, de passos ligeiros, interminavelmente — como se o quizessem matar de pavor no sudario côr de lama da tréva...

As caimbras continuavam. Mas uma vontade de livrar-se, vontade furiosa e apavorada fazia-o ter esperanças. Lembrou-se de repente. Ao lado, na mesa de cabeceira, junto ao castiçal, havia uma caixa de phosphoros. Accenderia um? E depois? Depois? Era agarral-a e acabar, acabar com aquillo ou morto ou salvo — porque não podia mais, não, não, não era possivel... Outra vez, num esforço a que punha entaves o endurecimento do braço, quasi sem respirar, sentindo mais na face abrazada o suor se liquefazer, ergueu a mão. A mão deslizou, tacteou, apalpou crispadamente, intencionalmente o creado mudo, subiu, pela madeira, colou-se ao marmore, esperou, abriu os dedos, garrou a caixa, ficou lá. Elle ouvia. As corridinhas celeres diminuiam. Houve em baixo o reboar da grande porta que fechavam, estre-

mecendo o predio inteiro. Elles teriam saído ou entrava alguem? Talvez tivessem saído. Aguçou o ouvido. O ruido era agora como de um só. E estava junto da commoda, porque a commoda estalava. Então puxou o braço num movimento instantaneo, fechou os olhos, abriu-os para a tréva que se fazia baça, deu um grito louco, miado, sacudiu os braços na furia de quem se defende de um ataque horrivel. E querendo salvar-se, querendo viver, querendo acabar, querendo saber o mal que o envolvia, deu um salto direito para o bico do gaz, riscou o phosphoro, riscou um, riscou dois, riscou tres, com o queixo a bater, inteiramente perdido, paroxismado, accendeu.

De um jacto a luz amarella do gaz enguliu toda a tréva. Olhou, morto de cansaço e medo. A porta do quarto, aberta, deixava ver a negrura do corredor. Tudo estava tranquillo. Sobre as vidraças foscas, que junto a sua janella serviam de tecto ao pateo em baixo, as gotas da chuva que amainara, continuavam sussurrantes, mysteriosas, caindo das telhas sobre os vidros escorrendo, vi-

vendo. E no largo espelho do lavatorio a figura d'Elle reflectia-se com os braços presos ao braço do gaz, a face molhada de suor, os olhos injectados, as orelhas roxas, a camisa desabotoada, livido, mortalmente livido, com um sorriso idiota a repuxar-lhe os labios no goso do pavor morto...

A felicidade de Clodomiros

— Clodomiros !

— Meu velho, por aqui ?

Conhecera Clodomiros no collegio, no primeiro anno de portuguez. Era um petiz com qualidades pessimas, espantosamente immoraes e indecentemente indecorosas numa sociedade que se preza:— tinha talento, era franco, generoso, bom, amando a victoria e o trabalho. Dois mezes depois de funcio-narem ás aulas, Clodomiros só obtinha primeiros premios, mas arregimentara sem saber bem como, os outros rapazes contra a sua pessoa. Clodomiros brilhava; o resto do collegio odiava Clodomiros. Cada phrase do pequenote parecia aos outros de menor espirito insulto ou ironia; cada nota optima sua era para os outros affronta. Numa sociedade bem constituida, os garotinhos começavam do começo. A escola é a socieda-

de, já disse alguém. E sociedade sem essas nobres qualidades não é sociedade.

A fatalidade fez-me acompanhar Clodomiro através o curso de humanidades. Acompanhava com *sympathia*, com admiração. A minha ingenuidade, porém, não deixava de ver que os talentos de Clodomiro, a honestidade de Clodomiro, a ambição de trabalho de Clodomiro, não faziam Clodomiro subir mais depressa, e antes eram umas outras tantas barreiras contra Clodomiro. Quasi todos os nossos collegas não sabiam nada, e entretanto tinham sido approvados. Clodomiro luctava. Quasi foi reprovado em latim, que já ensinava aos outros, porque o examinador achou impossivel um estudante com opiniões. Nessa occasião assisti justamente á estreia de Clodomiro na vida publica, a escrever artigos para os jornaes. Artigos? Escreveu dois e implicaram tanto com elle na redacção que o director do diario pediu tregua. Clodomiro parou de escrever e entrou para a Faculdade. Eu não entrei. E assim deixei de ouvir falar no magnifico talento que durante annos acompanhara.

— Tempera a desse Clodomiro!

— Vai longe. É um combativo!

Contra a expectativa, entretanto, o nome de Clodomiro não veio á tona. E na torrente amarga da existencia, tendo de cuidar de mim, fui a esquecer o camarada de collegio. Uma só vez li-lhe o nome impresso. Era Clodomiro convidando parentes e amigos para a missa de setimo dia do pai.

É de imaginar a minha alegria, aliás um tanto desilludida, quando, nesse trem de passeio de Santos, deparei com o Clodomiro Duarte, sentado numa banquetta. Estava o mesmo, estava bem. Eu, mais moço, era calvo, enrugado, palido, feio.

— Ha quanto tempo!

— Dezeseis annos!

— Tu sempre moço!

— Faz-se a diligencia...

O comboio ia partir. Sentei-me a seu lado. Devo confessar que, um tanto neurasthenico e tendo de ler um masso de jornaes do Rio, isto é, uma vasta collecção de descomposturas, preferiria ir só. Mas Clodomiro sorria, calmo, satisfeito, feliz. Seria grosseiro aban-

donal-o. Sentei-me e fui logo indagando da sua vida.

— Então, que fazes?

— Nada, respondeu Clodomiro.

— Perdoa, se sou indiscreto.

— De fórma alguma. Respondo a verdade.

— Então não fazes nada?

— Ou antes, trabalho no sentido de ter uma vida tranquilla. Depois de muito estudar verifiquei só haver um meio para chegar a tal fim: não fazer nada.

— Paradoxal!

Clodomiro accendeu um cigarro.

— Não, meu caro, não! Desde o collegio senti que a fazer qualquer coisa teria de ficar em destaque; e ficar em destaque é mostrar agua limpida a cães hydrophobos...

Nós eramos creanças e já os outros meninos não tinham muita sympathia pelos meus exames. Na Faculdade, o querer ser poeta, orador e ainda por cima fazer o curso estudando-o, creou-me uma atmospherá muito especial. Sentia-me o phenomeno o caso de que se espera, com ancia prazeirosa,

o tombo. Na meia duzia de artigos que escrevi nos jornaes, notei a mesma sensação aggressiva. Dirás que é preciso tenacidade e que talvez fosse celebre se insistisse, se suffocasse as antipathias em trabalho. Longamente meditei a respeito. Aspirar as posições com as qualidades daquelle tempo, era bonito. Mas tambem seria não viver, ter da manhã á noite a incessante preocupação dos outros, existir numa trepidação atrós. E para que? No momento de encetar a minha carreira eu desejei subitamente "viver a minha vida", ser eu mesmo só, ter a liberdade da minha pessoa. Seria possivel realisal-a como deputado, como ministro, como escriptor? Não. São mais dignas de lastimas as notabilidades que os trapezistas de circo, porque estes ao menos sentem a sympathia do publico que para as outras é sempre inconscientemente hostile.

— Meu caro Clodomiro...

— Estou banal?

— Estás lugubre.

— E' o effeito da verdade na victima. Imagina do que me livre!

— Mas como te livraste tu?

— Hesitava, soffria, não tinha recursos, quando de repente deu-se um acontecimento que me decidiu. Por essa occasião meu pai morreu, deixando-me cento e noventa e cinco acções de conto de réis e uma casa de porta e janella no suburbio. Era um pai que me salvava. Vendi a casa para comprar outra aqui e resolvi o problema da vida com a renuncia das posições. Não sou nada, não faço nada. A renda é pequena. Não me dá para ser *dandy*. Visto como toda a gente. Extirpei a vaidade, o orgulho, a pretensão de saber. Não sei nada. E como nada faço para o destaque, ninguem me conhece. Sou o povo, o povo nos theatros, nas *gares*, nas ruas.

— Não é possível!

— Palavra. E é delicioso. Não soffro ataques, não levo descomposturas, não tenho odio sem saber porque se fizeram elles. Sou desconhecidamente inutil.

— Mas... vives?

— E bem, assistindo ao espectaculo do mundo. Releio uns livros antigos e leio os

jornaes, os modernos. Não é renuncia, é precaução para melhor viver a vida. Olha, tu estás velho.

— E tu sempre moço...

— Meu caro, em toda a parte vencer, como dizem os jornaes, na vida publica, significa expor-se a todas as miserias. Na nossa terra, com uma sociedade de alluvião, semi-barbara e inconstituída, ainda é peor, porque na furia de galgar posições, de apanhar dinheiro, de fingir o que não são, além de um povo irreverente que é preciso dominar todos os dias — ha a proliferação das pequenas intelligencias. Sabes o que é uma pequena intelligencia?

E' o auto-envenenamento da estupidez. O talento aclara como o sol; a pequena intelligencia é como o fogo-fatuo das podridões. Um estúpido pode ser bom.

Um estúpido deteriorado pela pequena intelligencia é o máo, o perverso, o infame, o torpe, o miseravel. Acha-se com todos os direitos, nada sabe, pensa que sabe e irrita-se contra os que vencem sem os seus corrilhos. Vê e não comprehende, e odeia. Odeia

sem conhecer, odeia porque se sente lá em baixo. Já reparaste nesses individuos que vão assistir a um espectáculo da "torrinha," de um máo theatro, em que se não vê a scena senão por acaso, de vez em quando? Esses individuos olham a platéa com um odio instinctivo e sentiriam um grande prazer em vaiar os que estão de cadeira.

A pequena intelligencia é uma especie de galeria em máo theatro. Apenas com dinheiro é possivel deixar a galeria até por uma friza. E com a pequena intelligencia não ha dinheiro que tire o tal individuo dessa lamentavel posição, tendo ainda elle o tormento de saber que está lá...

— Devem ser infelizes.

— São infames como quantos não se resignam á "torrinha.". O menos que atiram sobre a platéa é o dichote e a casca de laranja. Mas cospem tambem lama, muita lama por entre os dentes podres. Ver um homem cheio de valor e de nobreza, pretender posições e titulos, é para mim um assombro. E alguns tenho encontrado depois dos quinze annos da minha vida perfeita. Elles

surgem pallidos, nervosos, com o olhar inquieto, a boca amarga, o craneo sem cabelo, cheios de apodos, de insultos gratuitos, de lama. Pergunta-lhes o que fizeram. E elles responderão: trabalhei!

Trabalhar! Ter idéas, talento, opiniões, numa sociedade de alluvião, em que entre a furia das ambições desenfreadas ha a persistente emanção delecteria do apodrecimento da ignorancia, que é a pequena intelligencia! Sonho louco, tolice! Qual o homem de talento que não tem tido neste paiz essa natural torpeza? Imprudentes!... Fizessem como eu. Não sei se tinha talento. Mas ao começar a vida achei tantos odios espontaneos, que recuei convencido... E vivo esplendidamente. Vou a Santos, passar a tarde no Guarujá! Voltarei á noite para assistir a um espectáculo. Depois tomarei chá com torradas. Amanhã acordo com calma e durmo calmo. Depois de amanhã tambem. E rio dos outros...

— De facto...

— Não achas boa a minha vida?

— Acho admiravel.

— São loucos os que tiverem outra opinião.

— Não ha duvida. Apenas...

— Apenas?

— Para realisar-a na sua *aurea mediocritas* seria preciso ter uma renda. E nenhum homem de talento no nosso paiz, caro amigo, tem cento e noventa e cinco accções a 5 % ao anno. Ficou sendo isso — um privilegio dos outros...

— Realmente, fez Clodomiro. Mas tambem quem os manda ter entendimento sem duzentos contos, sentimentos elevados sem renda certa? A sociedade está errada, absolutamente errada. Um cavalheiro nestas condições é um attentado contra os demais! Deve suicidar-se.

Clodomiro Duarte accendeu outro cigarro, soprou o fumo para o ar, olhou á janela.

Estavamos no alto da serra. Em baixo estendia-se uma floresta cerrada e negra sob o polvilho de diamante do sol.

— Quantas florestas ainda temos nós, terríveis! suspirei melancolico.

— Mas, com menos serpentes, menos sapos e menos lesmas que a Avenida!

E desatou a rir. Eu tambem ri. Rimos os dois. Mas eu sentia que o seu riso era de liberdade e que o meu riso era de indiferença.

Sonho

Nos bancos daquella praça publica, batida pelo luar da madrugada, dormiam os vagabundos. Eram creanças, eram rapazes, eram homens na idade viril, e eram velhos tenebrosos. O somno da desgraça é um dos mais tragicos motivos de meditação da vida. Porque não se faz de repouso, faz-se de agonia, não tem sonhos, tem o acabrunhamento ancioso, parece o desespero derradeiro dos sem esperança. E as posições das creaturas nos bancos, uns de borco sobre o encosto, outros enrodilhados, alguns espapaçados com a boca aberta e o chapéu para os olhos, faziam como um sócco de angustia resignada á architectura da praça, que o luar acarinhava . . .

Aquelle cavalheiro que pedia o lume ao rondante e passeava por entre os bancos com o olhar curioso, podia, por consequen-

cia, ser um desses inoffensivos philosophos que olham a desgraça para recuar da vida. E podia ser tambem o simples noctivago, sem norte, sem rumo, levado no embalo silente do luar infinito. A lua tem feito tanto mal á humanidade! Quem pode ter a mesma alma quando vê por sobre as arvores escorrer suavemente a saudade azul da luz do sol? Ha desejo, ha amor, ha principalmente tristeza. A lua é a maior tristeza do ceu.

O cavalheiro, porém, parecia procurar nos bancos um lugar onde se sentasse. Afinal encontrou a ponta do que ficava no extremo esquerdo. Era perto de um homem de barba mal tratada, que dormia anciado. Bastou que o cavalheiro occupasse a ponta, para que o homem acordasse em sobresalto. Esfregou os olhos, disse:

— Julguei que fosse a policia! E' um novo collega . . .

Sorriu lugubre, puxou mais a gola poida do casaco para o pescoço sem collarinho. O cavalheiro sorriu tambem e, como desejoso de conversar, indagou:

— A policia daqui é aborrecida?

— Pois! Como a de todas as praças. Podemos sentar mas não dormir.

— E dormem . . .

— Quando ha um guarda com um pouco de alma. Eu ando por ahi ha tres mezes e sempre acho este banco commodo. Seja tudo pelo amor de Deus! . . .

O cavalheiro indagou:

— Quer um cigarro? Vejo que é religioso.

— Não. Por falta de tempo. Trabalhei desde os dez annos, soffri pancadas, torpezas, enganos, e, trabalhando sempre, faltou-me o tempo de enganar os outros e de acreditar nas lérias de religião . . .

— Então, infeliz?

— Aos quarenta annos tenho soffrido tudo. Dizem que a desgraça fortifica a alma. Eu acho que a liquida. Pergunte o amigo a qualquer dos nossos collegas se são fortes. Elles tremem do guarda, tremem da policia, tremem de tudo. Como eu. Aqui onde me vê, sahi da cadeia ha tres dias. Estive lá cinco mezes.

— Commetteu algum crime?

— Se o commettesse, não lh'o ia contar.

Até agora não sei por que. Eu era canteiro, sabe? As obras pararam. Comecei a não ter pão em casa, uma filha morreu-me de vario-la, nos braços; a mulher ficou tísica, foi para a Misericórdia, puzeram-me os cacareos na rua, e eu comecei a não ter onde dormir e onde comer. Como a gente se acostuma a não comer! Eu chego a passar cinco dias só com agua do chafariz; e depois qualquer cousa dá-me uma dor no estomago... Tenho vontade até de não recommear a comer.

— Mas ia contar os motivos da sua prisão...

— Quer saber? Não vá ser algum agente disfarçado... Não. Você olha para a gente com carinho. Olhe, eu conto. Estava uma noite a dormir nos bancos, quando um guarda implicou e levou-me. No districto foi impossivel fazer-me ouvir pelo commissario, um sujeito zangado. Metteu-me no xadrez. Lá passei dois dias, sem comer. Ao cabo desse tempo fui levado á presença do delegado, um joven elegante. O commissario parecia ainda com mais raiva de mim. Porque esses homens têm tanta raiva de quem

não lhes pode fazer mal? O delegado ouviu-o e mandou-me recolher. Segui depois para a Detenção, onde passei tres mezes na galeria terceira, num cubiculo em que havia quarenta homens. Todos juravam que eu caíra no artigo 330. Certa manhã disseram-me que eu iria ao juiz. Fui. O juiz não estava. Adoecera. Esperei. Voltei lá na carrocinha varias vezes e, afinal, um bello dia puzeram-me na rua . . .

— Só? indagou o cavalheiro.

— Só . . .

— E não perguntou por que fôra preso, não protestou, não pediu justiça?

— Para que? Já padecera e quem se mette com a justiça fica sempre debaixo. Ao depois, não tinha o dinheiro. Sem o dinheiro não pode nada um como eu . . .

— Pobre homem!

— Você tem pena de mim? Arranje-me então um emprego e alguns nickeis.

— Não tenho.

— E' solidario na miseria?

O cavalheiro sorriu meigamente.

— Porque não se volta para Deus?

— Você é religioso? Pois eu não acredito. Se houvesse Deus não havia o tal artigo 330, e os commisarios e a desgraça . . .

— Mas a religião é resignar-se . . .

— Para resignar-se a gente, basta o tempo!

O cavalheiro accendeu outro cigarro, fez um esforço e murmurou:

— Não lhe quero dar conselhos. Entretanto a esperança está em Deus que nos vê . . .

O homem tossiu, escarrou, limpou as barbas com as costas das mãos, sem responder. Então, o cavalheiro animou-se.

— Veja você o exemplo de Christo, que morreu para redimir o mundo. Sacrificou-se, soffreu, foi crucificado.

— Desse eu tenho pena, na verdade. Mas, cá para nós, não muita . . .

— Por que?

— Em primeiro logar, Deus dava-lhe uma grande protecção. Elle podia repartir pães sem ter mais que um pão, podia curar os outros. E depois se soffria sabia por que. E, crucificado, tinha a certeza de que resuscitaria e toda a gente o respeitaria. Mas eu, sof-

frendo o 330, mas eu, sem trabalho e sem pão, eu, com a familia desaparecida, e todos os nossos collegas do outro banco, sem vontade de não comer e sem poder fazer milagres, devemos ter a mesma obrigação? Não! Ninguém falará de nós, não é? E nenhum é divino . . . Essa historia de religião agora é para a gente rica. São todos honestos e podem ir á missa d'automovel. Olhe: eu acreditava em Deus se agora cahisse da lua uma cama e eu não sentisse a fome. Que horas serão?

— Tres da manhã.

— Então, boa noite, vou dormir.

— Escute, talvez consiga arranjar-lhe alguma coisa.

— Hein?

— Dê-me o seu casaco. Eu dou-lhe o meu que é mais novo.

— Para que? Você é mais magro.

— Então não trocamos. Dou-lhe eu o meu casaco e você o vende, e amanhã almoça . . .

— Ora que idéa!

— Dou-lhe o meu chapéu tambem,

— Você está a brincar, ou fraco do juízo...

— Aqui os tem.

— Olhe que se resfria. Mas por que tudo isso? Não comprehendo. Afinal quem é você?

— Um pobre coitado.

— Com algum remorso?

— Enorme. O de não ter feito nada com o meu sacrificio para melhorar o mundo.

— E' talvez o commissario do 330?

O cavalheiro sorriu; approximou a face pallida da barba do misero:

— Meu irmão, que pena! Que pena não poder fazer mais nada... São tão tristes os tempos, tão difficeis... Emfim, não desanimem. Que culpa tenho eu de tanta dor?

— Ah! és então o commissario mesmo. Estás arrependido, hein?

— Sou menos, meu filho. Sou Jesus Christo...

O desgraçado ergueu-se num impeto:

— Jesus!

Mas fora apenas o sonho da sua fome. Na praça os bancos continuavam sujos de gente sordida. As arvores paraciam cançadas

do luar. Um movimento extremunhado cortava a rua. E no céu, onde o mel da lua se coagulava, estendia o rubor do seu pejo a frescura virginal da aurora.

O desgraçado notou então que lhe tinham roubado o chapéo. E sem pensar, porque a miseria não pensa, sem contrariar-se encolheu de novo no banco e recahiu no somno que apaga a fome. Eram cinco horas. Os outros continuavam a dormir. E talvez nem todos tivessem tido um sonho tão melancólico.

Sombra

Nocturno em negro e sangue

Ninguém adivinhava vendo seu labio sorrir que Ella soffria a dor do amor que dura sempre. Ninguém pensava vendo-lhe o gesto bondoso, que longe, na treva, por caminhos desconhecidos, sob os pés do Filho o seu coração ardia. Ninguém acreditava que Ella não soubesse, ouvindo a melodia da sua voz.

— Do Filho, noticias ha?

— Sempre.

— Onde pára?

— Onde manda Deus.

Desde que a seu lado o Filho crescera, Ella comprehendera, sem comprehender, e mentira por amor d'Elle. Sempre fôra aquella dor. Elle, alheiado de tudo quanto aos outros dava aprazimento, era motivo de duvida e indagações. Ella respondia a todos como se

Elle aos outros fosse igual e não se atrevia a fazer-se sentir por Elle. O Filho passava dias inteiros a vaguear e não falava. Ella chorava de que o julgassem estranho, e a uns dizia como Elle era semelhante aos demais, a outros assegurava como o Filho d'Elle fizera confidente, e a Elle mentia com o silencio para o conservar, para tel-o ao lado, para vel-o. Diante d'Elle sumia-se. Mas, longe Elle, sombra presa aos passos seus, teria o coração a seguil-o.

Elle partira, com a madrugada, sem lhe dizer uma palavra. O seu labio sorriu, o seu gesto foi bom, a sua palavra certeza. Mas o coração ia longe atrás do Filho, sombra tonta na sombra. Onde estaria Elle? E pela pequena cidade, cortada de mercadores, e adivinhos, e thaumaturgos, Ella andava como á espera, som de corda sensível aos dedos do ar, diante de si mesma, affirmando.

— Onde está seu Filho?

— Onde o mandou Deus.

E, nem sabia onde estava o filho.

Um dia Jozabal, vizinho que se ausentara dois mezes, appareceu-lhes.

— Vi o vosso Filho.

Ella desejava perguntar. Com que direito, se o Filho não lh'o dera? Se era só mãe — saudade e amor pelo fruto que partiu, memoria do sangue que foi dado e esqueceu o passado? Seu coração batia com tanto impeto, que as mãos cruzadas sobre o peito eram como se estivessem a conter a ventania. Mas os labios sorriam sem palavra e Jozabal falava:

— Por que escondeis o que Elle é? Vi-o seguido de discipulos, operando milagres.

— Não! protestou com medo aos sacerdotes o pai.

— Sim! disse Ella a sorrir.

Entretanto, Ella não sabia nem onde estava o Filho.

Desde essa hora, a sua dor, a sua angustia, o seu pavor augmentaram. Ella esperava — esperava o abysmo, o horror, todo que era nada, nada que era tudo — cada dia do seu Filho que d'Ella se não lembrava, para o qual Ella seria estorvo, impecilho no irrevogavel caminho. E desde essa hora, informada pelo mercador, a cidade inteira vinha a in-

formações. Mostravam deferencia. Estavam no fundo irritados contra o ingrato. Como aquelle rapaz só realizava milagres noutras terras, quando naquella em que nascera havia tambem cegos e paralyticos, pobres e ulcerados, tristes e desvairados? Todas as desgraças mais desgraçadas eram á lembrança de que o detentor da ventura, tendo crescido ali, ali não a dêsse aos outros.

— Onde pára Elle?

— Onde Deus quer.

— Deus não nos abandona. Elle é que não o escuta.

A' porta da casa cresciam as murmurações noite e dia. Uns diziam mal, outros falavam em ir buscal-o á força. Os que partiam promettiam falar-lhe. Os que chegavam traziam noticia de prodigios.

— Elle transforma a agua em vinho!

— Não!

— Elle deu vista a um cego.

— Onde? Onde?

E todos, em colera contra o ingrato:

— Porque não vem cá? Porque não vem?

E noite e dia Ella mais soffria no temor

do que lhe podia acontecer, do que lhe ia acontecer, do que Ella tinha certeza de que aconteceria.

Entretanto, Ella não sabia nada.

Uma tarde, o mercador Jozabal parou de novo á porta, vindo de uma viagem. Estava sombrio.

— Venho dizer-vos que vi o vosso Filho, com alguns pescadores, a que chamava discipulos, posto que nenhum faça o que Elle faz.

— E' verdade, então, que Elle realiza milagres? indagou o pai.

— E'. Mas augmentou em soberba.

— Póde ser! fez o pai.

— Não! sorriu Ella.

— Sim: augmentou em soberba, continuou o mercador. Julga-se o salvador do mundo, e consente que o chamem de Elias. Onde vá, a sua vontade é soberana. Quer. Obedecem-lhe. Subverte assim as leis, perdôa os que não deviam ser perdoados, condemna aquelles que ninguem se atreve a condemnar. Homens sabios vão ouvil-o, mulheres ricas deixam as riquezas para seguil-o. E tanta gloria fez com que Elle esquecesse até os pais.

— Elle esqueceu? indagou o pai.

— Sim. Eu mesmo pedi-lhe em vosso nome para cá vir e Elle respondeu que não tinha familia.

— Ingrato! regougou o pai.

Ella conservava o mesmo sorriso, o mesmo gesto. Só não falava. Quando o mercador partiu, o esposo censurou:

— Vê teu filho, a quem consentimos tudo. Ingrato!

E Ella:

— Quem o salvará? Quem o salvará dos homens máos?

-- Indagas do que lhe póde acontecer? Para que, se nos despreza?

E Ella soluçando:

— Eu sei que é meu Filho.

E entretanto Ella não sabia mais nada.

Então, mesmo os máos da cidade não tinham coragem de atormentar com perguntas a dor que Ella revelava. Apenas não comprehendiam. Vendo-lhe os cabellos brancos, a face exangue, os olhos num brilho de candeia a apagar, havia explicações.

— E' a dor da ingratidão do Filho!

— Seu Filho e não voltar a vel-a!

— Pobre mulher! O que Ella soffre!

— Como deve sentir humilhação entre as mãis que os filhos veneram!

Ella, entretanto, não sabia o que diziam, porque só ouvia o seu coração. E o seu coração estava longe, atrás do seu Filho, por monte, por valle, por cidades e aldeias, acompanhando a vida do sangue do seu sangue, temendo no exito do Filho, temendo no trabalho do Filho, temendo que Elle pudesse sentir esse mesmo coração como um vigia, perto.

E, de repente, uma noite, pelas proximidades da festa da Paschoa, Ella acordou, envolveu a cabeça no manto e fugiu pela treva, como uma ladra, com o passo rapido como jamais tivera. Onde ia? Para onde corria? Que faria?

No zunir da ventania, as mãos contra o peito, Ella sentia. Sentia o dever de ir vel-o, sentia o dever de assistil-o, sentia emfim o momento de estar a seu lado, mesmo contra a vontade d'Elle.

Nasceu a manhã e a viu correndo. Veiu a

noite e as estrellas toda a noite a contemplaram que andava. Veiu de novo o sol e com Ella deu, e coberta de pó, seguindo. E todas as coisas da terra e dos espaços se confrangiam.

— Pobre! sussurravam as arvores.

— Infeliz! choravam os veios d'agua.

— Mãi! bemdiziam as lagrimas das estrellas.

E Ella corria, apertando de encontro ao peito o coração, certa de vel-o, certa de chegar, certa de soffrer a maior angustia.

E, entretanto, Ella não sabia nem onde estava o Filho.

Entrou, assim, ao cair de uma tarde na enorme cidade ululante. Ninguem a conhecia entre os humanos, ninguem d'Ella cuidava, e Ella só cuidava em vel-o, sem que Elle se mostrasse desgostoso. Que era Ella? Nada. Nada. Sem direito, sem queixa, só com amor, aquella dentro da qual Elle se gerara. Que seria d'Elle, livre d'Ella, sem ter visto que aos seus pés trazia o coração d'Ella?

Subito, ao longo do corpo as suas mãos

tombaram. Na turba que redemoinhava, vociferava, gargalhava, entre milhares de gritos convulsos e milhares de phrases ferozes. Ella tornou a ver o Filho. Palido, curvado, um suor de agonia na fronte, arrastando sem força um lenho enorme, miseravel, desgraçado como póde ser aquelle que sonhou o maior sonho.

— Anda! bradavam creaturas, estalando no ar azorragues.

— Rei! cuspinhavam outros a insultar.

— Meu Filho!

Mas não se moveu. Ella via acompanhá-lo os amigos d'Elle, os que se tinham servido d'Elle, os homens e as mulheres que o amavam e com os quaes Elle quizera conviver. Se procedera assim era porque assim devia ser; se não a chamara era porque não a devia chamar; e se a visse naquelle supremo instante, talvez não a quizesse ver. A turba seguia. Ella seguia. Que ninguem desconfiasse da pobre sombra de amor. E no meio da furia de gritos, no alto do monte, Ella viu de repente erguer-se no ar o madeiro em que sangrava o corpo do Filho, o sangue do seu

sangue, a carne da sua carne, a vida da sua vida, o seu coração.

Então, as mãos de novo se cruzaram apertando o peito. Quiz correr até a cruz. Mas dentro do peito se lhe fendia o coração, e olhou, tremeu, oscilou. No tremendo vozeio alguém bradou: houve um hiato na turba para o corpo que rolava sem apoio.

E ninguém soube que se apagara a voz do unico amor que dura sempre. E ninguém, mesmo entre os amigos d'Elle, os discipulos d'Elle, os apaixonados d'Elle, ninguém, absolutamente ninguém soube ou quiz saber quem era Ella ...

Maria Magdalena

O prestigio de Florença! Não acredita no encantamento nigromantico de algumas cidades? E' de certo por jámais ter pensado no mysterio de vida. Eu creio, porém, no estranho milagre das cidades de arte. Ellas desatam a advinhação dos sentidos. Sente-se de repente um desafoço, a alegria das fontes livres das represas. Jorramos interiormente. E, como acontece com as fontes que só mostram absorver a maravilha da luz, só reflectimos belleza, perfeição, sol, revelação... Quantos mediocres no ar dessas cidades são por segundos metamorphoseados em genios, capazes de comprehender o segredo das correspondencias e a alta nobreza da harmonia? Não conhecemos os transeuntes e julgamol-os serventuarios dos deuses que nos recebem. Não podemos dizer banalida-

des e guardamos o silencio na peregrinação ao esplendor. Em pouco é a exaltação, a luxuria mental. A nossa alma, como Agavé, despedaça a incapacidade de aspirar o sopro divino. Vamos aligeramente com o cerebro ebrio de thesouros. Gloria! Gloria! latejamos o sangue nas arterias. Gloria! ouvimos em cada canto. Disseram-nos a sua fé os prometheus, sorriu-nos o proprio Deus-Pan capripede, cujo peito é o céu com todas as estrellas. E só acordamos do supremo prazer no comboio adiante, quando sentimos de novo nós mesmos, impotentes para realizar um só gesto da esplendente ambição.

Era esse o meu fervoroso estado de alma pela primeira vez que estive em Florença. Na doçura cristalina do ar de Florença eu tinha pouco mais de vinte annos. O filtro dos lyrios vermelhos agira. Do que me sentia capaz! Que somma de belleza iria revelar ao mundo! A allucinação lucida esbatia desconfianças e principalmente creava a minha intimidade com os genios e com os mythos. Os psychologistas que pretendem explicar o inexplicavel deviam observar a em-

briante influencia de Florença... Lembro-me que pensava no animal contemporaneo como no habitante de um mundo remoto a quem eu levaria o tosão de ouro da arte; lembro-me que camarariamente, contemporaneamente, eu ouvia artifices de joias, poetas, politicos, pintores, membros da corporação dos cardadores de lã, homens de armas, homens de batina. E sabia a vida, as obras de todos elles. Sabia! O meu maravillamento era saber coisas que, se tinha lido, já esquecera; era, por exemplo, sempre que passava por Santa Maria das Flores, ver passar o Dante coroado de louro, de tunica vermelha, por trás do Campanile, e sentir no labio versos do Dante, eu que não tenho memoria para guardar de cór dois versos...

Ora, uma certa manhã, estávamos em abril. Sahira costeando o Arno e a manhã era de argento sonoro.

Na ponte das Garças julgava-me capaz de escrever um livro que fosse como o ciborio de Cimabue. Na Ponte Velha desejava tallhar em assumpto de paixão uma prosa que recordasse o talhe de Benevenuto. Mais adian-

te, olhando a pureza do céu, pensava em palavras que, como pétalas de rosas frescas, pintassem a primavera á maneira de Botticelli. E, não podendo mais do multiforme desejo insoffrido, lembrei-me de ser duas horas um Magnifico, sem sentir o esforço do trabalho, mas gosando o labor dos grandes em todas as formas sensuaes da arte. Eu teria a dois passos para mim — para mim só, porque nenhum outro poderia dilatar a volupia de sentir essa voraz sensação de comprehender — a mais bella collecção de tapeçarias de Arraccio contando na trama da seda legendas triumphaes, eu poderia palpar gemmas preciosas, cristaes cinzelados por Vicentino Belli, esmaltes de Cellini, taças esculpidas por João de Bolonha; eu possuiria baixos relevos gregos e altares bysantinos, eu andaria entre marmores que contassem a paixão do espirito pelas bellas fórmãs do corpo, eu embeberia os olhos no milagre da luz das telas de Filipo Lippi, do Sarpo, de Guirlandajo. Assim, entrei no Palacio Pitti, segui na exaltação até a sala de Apollo...

E de repente parei.

Na sala solar, do Palacio Pitti, olhava para mim a Magdalena do Ticiano.

Oh! essa mulher! Quiz desviar o meu olhar do seu semi-cerrado olhar. Foi-me impossivel. Quiz sahir. Uma força irreprimivel impellia-me para ella. O meu pensamento reflectia: — “Magdalena! Absolutamente não.” Eu conhecia a sensualidade veneziana do velho Vecello nas gloriosas más companhias da sua casa. Elle pintara uma cortezã de luxo, como algumas que em Veneza eram tratadas de illustrissimas. Elle só despenteara essa mulher por encommenda do duque de Urbino, cuja esposa já, aliás, pintara núa.

Apenas ella era bella — maravilhosamente...

O seu labio fendia-se na polpa de uma granada, os cilios eram sombra de azas, o seu olhar olhava sem olhar, chamando. Na pelle de aurora, nas narinas, na testa estreita e polida, nas espaduas, de onde nascia o calice da cabeça, latejava o desejo. E os seus cabellos, com que ella cobria as nudezes para melhor as accentuar, eram como um mar de

ouro, eram como a chuva de ouro que inundou Danae, eram como crepitante nuvem de abelhas de ouro, eram como a fluidificação das settas de Apollo. A cabelleira de Berenice, cantada por Catullo, as cabelleiras de sol liquido louvadas pelos poetas da Helade — que seriam ao lado desse manto de aspera luxuria? A ancia de tocal-a, de estreital-a, de mergulhar no esplendor immortal daquelles cabellos! Desvairadamente estendi as mãos. Mas, viva e núa, mal coberta do oceano de mel em chammas, a creatura sorriu.

— Sim, não te enganas! Sou aquella de que toda gente fala: Maria de Magdala. Tenho um formoso palacio em Bethania, a dois passos de Jerusalem. Quem m'ó deu? Um pro consul romano, que me encontrou em Cesaréa. De resto todos me dão o que eu peço. Nos meus jardins, entre os cyprestes verdes abrem as caudas pavões brancos como a neve e todo o dia se ouve, entre o sussurro dos repuchos, o canto dos passaros mais caros da Asia e da Africa ardente. Os meus escriptorios são de hora em hora au-

gmentados. Podia fazer-te uma tunica de sangue com os rubins que me mandam os homens não esquecidos, de Tyro, de Alexandria, da Capadocia, de Roma, a grande. Podia, com as perolas que me offertaram, cobrir de iridescencia as portas da minha casa. Todos os homens caem a meus pés. E eu os desprezo, porque no fundo elles só querem gozar-me a belleza, desprezando-me. A minha vida é como as da minha igualha, como a de todas as prostitutas celebres em Athenas, em Roma, em Alexandria. Só tive um dote — a formosura, e passei fome, andei a pé pelas estradas, onde hoje passa a minha liteira de marfim acompanhada de um sequito de escravos. Por acaso, no cães de Cesaréa, um velho senador romano descobriu-me. Eu sou o prazer. E o escandalo da minha vida é tão grande que os hypocritas de Jerusalem me afastam para o arrabalde, afim de poderem ás occultas comprar o meu amor. A vida é gozo. Tudo mais é mentira. Só ha de verdade dinheiro e gozo. E, como eu rio do meu temor, rio tambem da minha irmã, que continúa a trabalhar, e de

um irmão, que não tem vergonha da minha opulencia.

— E não desejas nada?

— Desejo o impossivel. Mais gozo, mais prazer, mais ruina — o quanto pudesse saciar a minha alma insaciavel e vasia!

— Como és bella! gritei, no desejo de sugar-lhe a boca vermelha.

Ella desvencilhou-se. Um bando de forasteiros entrava, sob a direcção de um velho guia. A realidade manietou-me de chofre. Maria Magdalena continuava envolta na nuvem de ouro dos seus cabellos, no canto esquerdo da sala de Apollo.

Então sahi a correr, para acalmar o sangue no ar puro do dia. Miseria a minha! O grande sentimento da arte, concluindo numa crise de furia carnal! E as palavras duras de Magdalena não eram, afinal, a profunda verdade, o esforço humano não seria unicamente para o prazer? Evitar a dor, ser bella, gozar!

Por trás do Palacio Pitti ficam os jardins Boboli, desenhados ha quinhentos annos por Tribolo, a mando de Cosmo I. Eu iria

encontrar na verdura dos terraços, nudezes e aguas, fórmãs de tentação paradisiaca. Desci a via Magio, segui a da Tuornaboni até o palacio Strozzi. Pouco adiante, o Baptisterio. Parei. Vinha como de uma enorme viagem, onde aprendera o prazer. A austeridade do pequeno templo acalmaria o delirio, na contemplação dos mosaicos de Jacobus e das portas de bronze de Ghiberti.

Mas, ao entrar, na penumbra de abside de um altar escuro, ouvi uma voz extra-humana.

—Dá-me o teu perdão!

Estava deserto o templo. Tremendo, olhei o muro de onde sahia a voz. Aos poucos, a apalpar as sombras côm de fuligem roxa, os meus olhos distinguiram um altar, depois um nicho. E dentro do nicho o horror, o maior horror. Lembrei-me do realismo ardente de Donatello, que esculpia em lenho, tendo a dor por escopo. Mas era tal a miseria da angustia que eu via, era tal a dor que toda a noção de arte se me fugiu do cerebro. No nicho estava uma pobre mulher. Cobriam-lhe mal o corpo uns trapos sujos. Era ella só ossos e pelle. A magreza da tibia

accentuava-se núa e a força de tragica fazia rir. De cabellos restavam-lhe algumas me-lenas mal cortadas e empastadas de lama. O pescoço e a cara tinham da carne apenas o necessario para encobrir a serenidade da caveira com a dor da vida. As faces chupadas, os beiços murchos, os olhos com papeira, o queixo em bico, o nariz agudo procurando queixo, e as mãos esqueleticas procurando encobrir o que já não existia.

— Não te assustes! continuou a voz ce-leste, enquanto os olhos meus não se podiam tirar da atrás cristação de dor daquelle corpo. Não te assustes! A quantos vejo, logo supplico perdão pelo mal que fiz e pelo bem que possuo. Em Tyro, em Sidon, em Cesa-réa, na Bethania— quantos por mim soffre-ram! Eu era dura como a pedra das estra-das e voraz como a areia dos desertos. Den-tro do meu corpo os demonios ganiam luxu-rias, perversidades, ambições, crimes. E eu caminhava destruindo. Era o prazer que arraza, insaciavel. Mas, um dia eu vi o ente que dava e não desejava, perdoava e não pedia. Diante da sua bondade, foi nada a

minha formosura; diante do seu sonho a minha belleza sentiu-se feia como as serpentes; á luz do seu olhar toda a minha furia da alma se desalterou em delicia. Para segui-lo dei os meus thesouros. Os meus labios curvei-os a ineffavel doçura de beijar o pó por onde passava. Os meus cabellos de ouro, perfumados de nardo, com elles enxuguei-lhe os pés. Esmagada de ingratições, macerada de vilipendio e odio e luxuria eu senti dentro do meu peito o sol do amor que me fazia baixar de pejo os olhos, empurecer a face como a aurora colora a lividez da sombra. Eu amei. Eu dediquei-me. Eu senti o puro desejo de um coração que quer o aconchego de outro coração. Eu chorei, seguindo-o, tão sua, que não o desejava, mas desejava a sua vontade. E esse desejo era tão bom e tão immenso que em tudo eu o amava e obedecia. Quando o levaram para a morte, a elle que sonhava o céo, eu o acompanhei, eu de longe estendia o meu olhar para o seu olhar. Essa luz de arminho foi como um sol no meu peito. Só elle não sabia, só elle jámais mostrara saber o que eu

era, só elle me perdoara, só elle me desejára! ao vel-o morto só eu tambem o esperei e eu a primeira o vi resurgir... Perdoa que te conte a felicidade. Eu era o prazer que nos faz de pedra. Hoje, esqualida, roendo no deserto folhas selvagens, tiritando da miseria, eu fugi das cidades para que todos aquelles a quem fiz mal não invejassem a minha alegria, o sol interior que me abrazou e consumiu, o meu amor, o meu doce amor, o amor que só no mundo redime e purifica.

— Mas não te vi nunca. Por onde andaram os meus passos jámais os meus olhos te viram. Sou joven. Deves ser centenaria. Amo a belleza. Tu não podias ter sido bella. E eu venho de ver a maior belleza!

— Agradeço-te, o tu que me vês consumida de amor e não invejas a unica felicidade da terra! Agradeço-te, o tu que me esqueceste como se esquece o desejo!

— Quem és tu?

Na negrura do Baptisterio, de um silencio de tumba, a imagem atrás de Donatello voltou para mim o horrivel rosto. Dentro desse rosto o sorriso era como um raio lu-

nar em escombros incendiados. E deixando cair as mãos esqueleticas, murmurou celes-
tialmente:

— Eu fui Maria de Magdala!

Florença, meu senhor, que milagre para as almas. Nessa manhã de argento da divina cidade eu comprehendi entre o Palacio Pitti e o Baptisterio, o eterno symbolo da cortezã no livro dos livros. E no sacrificio ardente de Magdalena a immensa verdade do Prazer, que jámais alegra, e do Amor, que tudo purifica!

O Club dos Optimistas

Foi com uma certa surpresa que recebi o convite para socio do Club dos Optimistas. Dado o estado de exacerbação nervosa de quasi toda a gente, era possivel crer na fundação de mais um club, de mais dois, de mais dez mesmo. Com outras idéas porém. Optimistas nunca. Por consequencia não respondi ao convite. Podia ser brincadeira, podia ser loucura.

Hontem, logo ao acordar e já sem pensar na extravagante idéa, o criado entregou-me um cartão tarjado de preto com os seguintes dizeres: José Anatolio, presidente interino do Club dos Optimistas.

— Bom, continúa a doença. Está ahi esse homem?

— Desde cedo. E solemne... Está de sobrecasaca.

—Deve ser doido. E' melhor recebê-lo. Esteja você sempre perto.

Vesti-me á pressa, e fui ver o presidente interino.

Era um sujeito magro, de cara chupada, ar de funcionario publico trabalhador, confusamente embrulhado numa triste sobreca-saca. Ergueu-se, cumprimentou. Era triste. Mas as apparencias illudem.

—Excellentissimo.

—Queira sentar-se.

—Não sei se recebeu um convite...

—Recebi.

—Deve ter-lhe agradado a intenção. O Rio de Janeiro é a cidade dos clubs que não são clubs. Aproveitar o desejo do club com uma idéa util é nobre. Ora, não ha nada de que o Brasil, paiz de sol, paiz de alegria, precise mais do que da visão sorridente das coisas. O nosso mal, o nosso grande mal é o pessimismo. Andam todos envenenados, a dizer mal, a fazer o mal, a ver tudo máo. Não acha?

—Parece...

—Por isso, corajosamente, arrastando

com as infamias, as calumnias que contra mim possam assacar os despeitados, resolvi fundar aqui o Club dos Optimistas, de que me fiz presidente interino até que se proceda á eleição definitiva. E' um erro gravissimo acreditar que os melhoramentos materiaes, a multiplicação dos prazeres e das festas influam no temperamento do brasileiro e, principalmente do carioca. O brasileiro—o carioca em primeiro logar na variedade dos typos, porque ha vinte e uma variedades—é o ser incapaz de ter uma alegria sincera, o riso franco, uma gargalhada sã. Mil preocupações enchem-lhe a cachola, dez mil e tres vagas contrariedades arrepanham-lhe a face. Nunca numa rua desta cidade dois homens gritaram de contentamento. São todos infelizes, todos querendo sempre mais do que possuem, todos resolvidos a levar a vida a ponta de faca, todos cruzando olhares como quem cruza espadas.

—O senhor não deixa de ter razão. Nunca vi um brasileiro integralmente alegre.

—Sou eu.

—Permita que o cumprimente.

— Obrigado. E realisarei o club admiravel, posto que com immenso trabalho. V. Ex.^a não imagina quanto custa encontrar optimistas.

Eu imaginava. Oh! se imaginava! O sujeito de sobrecasaca devia ter tomado uma estafa. Aqui um cidadão antes de sair de casa pela manhã, sabe pelos jornaes que o governo é ladravaz, a municipalidade idiota, tendo as anteriores sido peiores; a policia parva, o commercio decadente, a industria uma farça, as promessas de todas as classes refinadas mentiras. Toma café, sae e fatalmente a primeira pessoa com que se encontra censura o governo, as autoridades, fala de “cavações”, de arranjos, de negociatas, do abysmo em que rola a Patria. Ninguem é bom, ninguem é digno, ninguem é sério. O sulco da duvida vinca os semblantes. Não se crê no amor — o que talvez fosse tolice — não se crê na pureza de nenhuma intenção. As mulheres mesmo são tristes. Que digo? As crianças, até as crianças, são melancolicas, como preocupadas com o problema da existencia, o emprestimo, a guerra, a crise.

Uma surda hostilidade anima-as. Todos parecem perguntar: quanto se gastou? Quantos comeram? Póde-se prender todos os transeuntes da Avenida como gatunos? As avenidas ainda são interessantes? Mas os sujeitos que passam de automovel têm direito de usar esse meio de locomoção, têm dinheiro? E tudo é triste e tudo é pesado e tudo é amargo na luminosidade azul do ambiente, quando tudo pede riso, pede alegria, pede contentamento. Tentar apagar a tristeza que se esteriotypa na face dos ricos como dos pobres, agitar a jocundez no alarido de raivas — devia ser uma obra colossal.

— Caro senhor, se conseguir os seus fins, teremos inquestionavelmente de coroá-lo de louro!

O cavalheiro sorriu com fadiga.

— Vinha submeter-lhe os fins do club.

— Os estatutos?

— Isso. Quer ouvir?

— Com prazer.

— O Club dos Optimistas tem por base não ser carnavalesco.

—Muito bem. Com esta base basta a Camara.

—Mas a sua fundação obedece a um elevado intuito social: fazer a população triste ter um pouco de animo. Para tal fim, o primeiro artigo dos seus estatutos exige—sem literatura e sem citações—que os socios tenham uma noção *sympathica* da vida e dos seus semelhantes, não vendo em cada conhecido um mariola ou um impudente feliz. O optimismo não se ensina como a anatomia ou a mathematica, mas é uma sciencia de *analyse*. E' a educação dos sentidos sob o prisma saudavel. Póde ser mesmo uma religião...

—Fiquemos na educação: Religião exacerbaria os animos, teriamos discussões, coleras, mysticismo. Educação mesmo é perigoso, dado o furor pedagogico dos cariocas.

—Optimismo não quer dizer achar tudo esplendido e incomparavel. Pelo menos para o club. E' antes a escola de saber contentar-se com o que ha, de duvidar mais da ignominia e menos dos bons sentimentos, e

principalmente extrair da vida e dos seus aspectos, em vez de fel, prazer — o util prazer de estar contente sem prejudicar os outros.

— Perfeitamente. Um homem do club vai jantar e janta com o maximo prazer, mesmo que o peixe não tenha sal e o creme não tenha assucar?

— Não. O homem não se zanga com esses contratempos, se delles foi victima, e janta sem raiva de ninguem e sem se lamentar.

— E' talvez difficil. Mas consegue-se. Assim, o homem ouve uma banda de musica. Se não gosta de musica, afasta-se sem zanga. Se gosta, fica fazendo o possivel para achar aquella banda a melhor do mundo, não pela banda, mas para a integralização da propria harmonia intima?

— E' isso!

— Vejo que comprehendi.

— Os socios agem no aperfeiçoamento, e são ao mesmo tempo propagandistas. Como fazer a propaganda? Só essa palavra irrita. Propaganda de alegria com divertimentos azedaria os animos. Fogos de artificio, bata-

lha de *confetti*? E a concorrência dos fornecedores? E os advogados dos fornecedores? E os jornaes sérios? Teríamos varias campanhas, insultos.

— Com certeza.

— Depois já vimos com experiencia que não dão resultado os divertimentos. Esta cidade é a cidade do carnaval e cada vez mais se torna rancorosa, irritada, hostil. O mal vem da alma. E diante da alma eu desanimo.

Ahi o presidente do Club dos Optimistas, embora interino, teve um gesto de desalento.

— Que se deve fazer? Peço o seu conselho.

— E' difficil. Tambem o club não deve ser uma companhia de diversões publicas. A questão é fazer a moda moral do optimismo, lançar o optimismo como elegancia. Até agora a moda é dizer: que miseria! Passamos a dizer: que delicia! Tudo por consequencia está no primeiro artigo dos estatutos. Tratemos dos socios. Quantos socios terá o club?

— A inscripção é illimitada e democratica.

— Bem. E quantos socios já tem?

O presidente ergueu-se.

— Por enquanto apenas um: eu mesmo. E sabe por que? Porque a inscrição custa dez mil réis, porque eu não posso organizar um club regenerador gratuitamente, eu, chefe de familia, com cinco filhos, dos quaes quatro fallecidos após dispendiosa molestia. Porque o governo com a mania pessimista das economias não auxilia nenhuma tentativa moral. Porque os homens acham que não se deve pagar o bem. Se fosse um club de vicio ou de jogo, estava cheio de socios! Isto é um paiz perdido. Não ha governo, não ha homens, não ha a menor noção de ideal. Morrerei sem realisar o optimismo.

— Mas, presidente ...

— Qual presidente ...

— Doutor Anatolio ...

— Apenas Anatolio.

— Mas, Anatolio, é preciso ter paciencia para a realisação da grande obra. Por que não diminue a joia da entrada? A metade, por exemplo?

— Um club regenerador!

— Por isso mesmo.

—Nem assim. E quer ter a prova? Entre para o club, deixe ver a joia já para me animar.

Olhei o presidente, felizmente interino, do Club dos Optimistas. Optimistamente comprehendí.

E, rindo, com o meu mais amarelo optimismo:

— Pois aqui a tem!

José Anatolio examinou a cedula. Metteu-a no bolso, carrancudo.

—Você deve ter muito para dar com esse desprendimento. Mas começou bem o seu dia. Deu d'almoçar a um homem que pensa coisas nunca pensadas por você! Mas não ha duvida que somos optimistas—você, a sorrir dando; eu contentando-me! O club irá adiante. Hei de voltar para conversarmos.

—Não se incommode—antes de encontrar outros socios.

O homem desceu. Estava um dia triste. Coitado! não passava de uma fantasia da amarga realidade. E' tudo assim no Brasil. Surgem as idéas, passam. Tudo continúa tal

qual. Talvez seja melhor. Mesmo quanto ao pessimismo fundamental. Porque, pelo menos nas desilusões e nos enganos, enquanto o pessimismo grita, os optimistas ficam apenas tristes. E vale mais vociferar que entristecer com pena da miseria dos que vociferam...

Pomba do mar

O velho vapor inglez vinha quasi vazio. A primeira classe era uma desolação, a segunda reflectia o desinteresse da primeira, e talvez só na ultima houvesse alegria porque os simples e os brutos resignam-se facilmente. Durante o dia, tão vasto e longo como o mar infinito, passavam os passageiros a fazer confidencias desinteressantes por verdadeiras. O enervamento de bordo dava para matar o tempo cantando a propria vida. As vidas dos que julgam ter vencido é um triste tecido de egoismo e de sorte: as vidas dos que começam é um escancaramento tão lento d'apetites, que as confidencias deviam ser sempre mentirosas para que se pudesse amar os homens. D'ahi alguns esquivarem-se em silencios contemplativos, vendo ao longe o arfar das baleias para não morrer de tédio

jogando o *bridge*. A' noite, no refeitório, sob a musica nevrálgica de um trio allucinado, em que o rabequista perdia o arco sem breu para além do cavallete, o pianista espancava as teclas e o flautista assobiava guinchos de lancha em soccorro, a duzia de homens que eramos os passageiros imaginava perder os miolos para chegar acordada até ás 11, e era um esforço de anedotas e de conversinhas sem razão de ser.

— Quantas milhas fizemos?

— Dezeseis por hora.

— Mas o paquete faz mais.

— O commandante diz que chegamos antes do dia marcado.

— Bella noite, hein?

— Já faz calor, entretanto...

Era desolador. O velho paquete inglez vinha quasi vasio, e todos nós voltavamos — o que é sempre recomeçar...

Afinal, um dia, depois de falar dos namoros da segunda classe e de algumas pessoas ausentes, quatro homens fartos de ociosidade, resolveram ir ao *bar*, abancar e jogar uma bisca familiar até o somno. O *bar*,

muito mal posto, não tinha tympanos — era mesmo preciso gritar pelo *barman*. Mas naquelle ambiente de sala de espera em hospedaria de quinta ordem, os quatro homens reviam-se creanças jogando a bisca, disputando os trunfos e querendo pegar a sete com o az. Infantil, mas alegre. Foram assim até ás onze e meia. Podiam ter ido até mais tarde se o fado quizesse. Não seria máu nem mesmo para os outros. O destino, porém, quiz que no *bar* entrasse um criado a acariciar com as mãos grossas uma ave de côr castanha.

— Que é isso? indagou o menos curioso.

— Uma gaivota de certo? perguntou outro.

— Não, fez elle triste, é uma Pomba do mar. Foi encontrada agora no cesto do mastro grande.

E entregou o bichinho ao que nada dissera. Houve em torno certa curiosidade piedosa — o que nunca deixa de acontecer quando se dá uma desgraça irremediavel. Era uma pomba do mar de côr castanhocinza, bico recurvo, patas presas como a dos pal-

mipedes. Não estava assustada. O coração batia-lhe calmo, e não fazia um movimento para fugir. O que a tinha presa soltou-a ao lado do baralho. Ella ficou quieta, o olho redondo e frio.

— Como podia ter vindo aqui parar? Estamos então perto de terra?

— Não, senhor. Estamos longe. Ella devia ter ficado no cesto em Lisboa ou em S. Vicente.

— Tantos dias!

— Acontece quasi sempre. A's vezes ficam bandos. Os navios chegam aos portos e ellas pousam. Os navios seguem e ellas vão ficando. Por fim perdem de vista a terra e resignam-se. Já uma vez tivemos doze a bordo.

— Coitadita! Mas é alimentar-as e soltar-as no primeiro porto.

— Ah! isso é difficil. Não se acostumam ao outro porto quando lá chegam, voltam para o navio sempre. Depois não comem nada senão o que lhes dá o mar nas costas. Temos dado varias vezes milho, arroz, alpiste, peixe. Não tentam sequer comer, e fica

a gente obrigada a vel-as morrer ou no mar ou de fome.

— Serio?

— Absolutamente. Esta não come desde que ficou no cesto. Tem que morrer e parece sabel-o.

Houve um pequeno silencio. Fixámos de novo a pomba. Estava quieta, o olho redondo e frio, deixando-se examinar. Os quatro homens já não pensavam em jogar. Certo iam pensar tristezas. O mais tagarela bocejou:

— E se fossemos dormir?

— Aprovado.

— Ora coitadita, hein?

— Realmente...

Ergueram-se, saudaram-se. A pomba pulou da mesa para um banco, do banco para o chão, foi até o canto, e quedou-se lá, tranquila. O creado retirou os copos, fechou a electricidade e ninguem disse mais nada.

No dia seguinte, muito cedo, ainda o céu virgem do sol, o que não falara subiu ao *bar* a vêr a pobre ave, e lá encontrou o que falava muito. Olharam-se.

— Que pena, hein?

— Eu não dormi a pensar nella.

E durante tres dias os quatro homens, escondendo mutuamente os seus pensamentos, interessaram-se por aquella vida. A pombinha do mar continuava quieta, e o seu olhar redondo era frio, de um frio orgulho inconsciente.

— Oh! esta ave a bordo!

— Realmente! Que tragedia!

— Filho, é o symbolo.

E era. Era na sua fragilidade um desses grandes e negros symbolos que servem de remorso á curta alegria dos que na vida sonham. Os menos romanticos, os mais praticos tinham ali o exemplo poetico de um fim quietamente tragico. Ella nascera num rochedo da praia pertencendo a um bando, e só podendo viver naquelle sitio, com aquelle bando, do alimento dos seus congeneres. O destino dera-lhe, como dá a todas as coisas moveis, o instincto de perdição que no homem é o ideal. Um materialista não a diria capaz de pensar. Aquelles quatro homens tinham a illusão de que ella pensava. E pen-

sando viam a pobre pomba poisar no alto mastro o constante gyro d'azas sobre as ondas, pensando viam-n'a inebriada no oceano, deixar-se ir, afastar-se da costa; pensando sentiam-n'a em dado momento aperceber-se de que nem podia voltar nem podia viver na vasta extensão d'ar pleno, pensando julgavam-n'a resignada a morrer. Era de uma atroz ironia. Que symbolo creado pelos homens mais doloroso existia? Prometheu roubara o fogo sagrado e lamentava-se no Caucaso sobre as bicadas do abutre. Era um symbolo urrante de orgulho, de vangloria e de eternidade. Aquella avesita não. Deixara os que a ella se solidarisavam na vida pelo vago e o indefinido, sentia-se de repente sem a vida por esse instincto e ficava quieta, mansa, calma, aturando sem uma revolta os afagos e os carinhos desconhecidos, incapaz de poder resistir e viver nesse paiz que era o seu sonho, mas onde nem o alimento era o seu, nem a vida possivel. Todos nós mais ou menos tinhamos sentido ou sentiamos a embriaguez de infinito daquella pobre palpição de pennas, todos nós, humanos, dei-

xando o seguro, o certo, o bom, na esperança de voltar, de subito roláramos com as pernas decepadas á agonia das miserias terrenas que são feitas por inteiro de soluços e de tristezas. O mundo era mesmo nos cyclos da sua civilisação, nos grandes heroismos das raças privilegiadas resumido naquella pobre ave — porque se alguma vez ou mesmo muita vez a Sorte consente em fazer voltar o ser com alguma coisa de novo, é para dar-lhe mais ambição de ir mais longe e afinal perder-se, miseravel e infimo, deante do infinito.

Os quatro homens pensavam no animal, sem dó aliás, porque elle não tremia e parecia não sentir as suas caricias. Mas, movidos desencontradamente, não acertavam se era um incentivo ou um aviso, uma força propulsora ou o annuncio de parada na sua aparição tão profunda de suggestionadoras verdades. Os que julgavam aviso tremiam; os que tinham esperança tentavam em vão alimental-a. E a pomba do mar continuava impassivel, quasi a irritar a bondade inutil dos que tinha assustado. Era melhor mor-

rer. O ideal é sempre a perdição, porque depois de arrancar-nos o coração, ou deixa-nos no vago ou vai dar, como o mastro grande do navio, noutra porto igual, onde apenas ha como differença a hostilidade do desconhecido. Ella era de um absoluto stoicismo, e em qualquer das hypotheses exemplar.

Cinco dias depois vimos costas ao longe e aves espalmando as ramiges por sobre as aguas. Era o porto. Outro porto. Talvez outras pombas do mar se deixassem ficar no mastro grande. Como o navio entrava de madrugada, os raros passageiros trepavam ao tombadilho. Fui vêr a pomba, continuava viva. Porque não tental-a? Talvez resistisse... Trouxe-a para a amurada, soltei-a. Bateu as azas, pareceu hesitar, fez um esforço violento, e, cortando o ar, voou direito ao cesto do mastro grande.

A' noite o mesmo creado trouxe-a morta. Era uma pobre pomba do mar teimosa, e foi então desafogadamente o assumpto paradoxal da conversa para a noite toda.

Tambem o velho vapor inglez vinha quasi vasio; a primeira classe era uma desolação.

E quando pouca gente reunida sobre o oceano sente o vinco mysterioso de um pequeno facto, os homens dizem tolices, com medo de chocar a sós a força desastrosa que os impelle sempre, do certo para o incerto, do amor para a aventura e quasi sempre da alegria para a dôr, que é bem o cesto do mastro grande da vida, a engulir illusões de porto em porto, a prender ideaes e sonhos em agonias e amargores...

As palavras da máquina

Ao fundo da fabrica, num abandonado *hall*, o proprietario, que já fôra pobre e já fôra nababo e tinha sempre o ar do rico explorador sem vintem — deixara a machina. A machina estava alli, com os aços enferrujados e a ferragem suja. Nem mesmo o céu azul e a lua têm sido victimas da banalidade universal, tanto quanto a machina. Desde que a machina é o mysterio sem mysterio, a tolice pára diante della, para repetir todos os logares communs.

Como estivesse só diante da machina, não pude conter a exaltação lyrica das generalizações idiotas. Machina! Como mostrava nas engrenagens o mesmo grande poema humano da libertação! A vida inteira da humanidade fôra uma tenaz indagação para realizar aquelle servo obediente, escravo sem

necessidades ou cansaços, libertador igualitário. Vinham-me á memoria os versos de Antiparos, quando do Oriente levaram á Grecia os moinhos movidos a agua:

— Escravos, dormi em paz. O trabalho das raparigas é feito agora pelas naiades. Vivamos a vida feliz dos nossos pais, e gozemos, sem trabalhar, os beneficios de que nos cumula Demetter!

E o desejo de Aristoteles, que tanto amara a igualdade:

— “Se um utensilio pudesse presentir a ordem do artesão e executar-a; se a laçadeira corresse por si mesma sobre a trama, a industria não teria necessidade de operarios, nem o senhor de escravos.”

Maravilha do Homem-Deus! Emfim, em todos os aspectos da vida, nos campos e nas cidades, a machina realizando a aspiração — arredara a miseria, abria os cerebros, alongara o tempo, encurtara a terra, acabara as castas, multiplicara a producção, augmentara a fortuna, democratizara, igualara. A machina, a verdadeira revolução! Eu lera estatisticas, eu estava a par do progresso. Um

operario de hoje vale com a machina por trinta da idade média; uma operaria num tear faz mil e quinhentas malhas por minuto, isto é, substitue seis mil das que outr'ora faziam malhas com agulhas de mão. Vestimos exercitos de milhões, fabricamos balas para matar esses exercitos no mesmo espaço de tempo que os nossos ascendentes gastavam para preparar algumas centenas de homens para lançar o dardo. Conforto, rapidez, a machina deu ao mundo, poupando a saude com a reduccão do trabalho, aguçando a intelligencia.

Quem diante da machina não sente o orgulho do homem, que enfim realizou o sonho da especie?

Por que não ver na machina o Deus racional equilibrador do mundo? Por que estar de chapéo diante da machina, quando os operarios exigem muito bem que se descubram todos na officina-templo?

Assim tirava o meu chapéo, quando ouvi um bocejo cheio de desprezo:

— Pobre homem!

Seria o bocejo de algum bolcheviki mem-

bro de proximo soviet, escondido naquella complicação de ferros? E' ridiculo sermos descobertos nas devoções mesmo sublimes. Dei a volta á machina, perscrutando-lhe o interior. Não havia ali pessoa viva ou morta. Mas, após o bocejo, uma voz poz-se a falar:

— Sim, Homo Faber. Estás diante do Deus. E' sorte humana procurar a felicidade sem n'a encontrar. A mim esperou e aos poucos foi creando a humanidade durante dois mil annos, para diminuir o trabalho, dar contentamento e fazer os homens iguaes. Até agora, como d'agora em diante, a machina não alliviou um só homem de uma só hora de trabalho. Ao contrario. Augmentou para cada um, mesmo para os ociosos, o peso da vida e o labor atrás da preocupação. Era difficil ao escravo antigo, ao servo da gleba medievo, fugir ao trabalho, como ao senhor e ao duque e ás emprezas de soldados matar ou rapinar. Mas a todos era possivel — repousar, descansar, não ter preocupações. A machina era o sonho realizado da igualdade, entretanto. Nessa illusão in-

ventaram-me. E eu tornei-me o monstro, o grande monstro universal, o polvo da terra, com milhões de tentáculos, cada um delles com um nome — inquietação, sofrimento, ambição, molestia, raiva, miseria, exploração, ignominia, escravidão, fealdade.

Diante de mim, machina velha, pensas num symbolo, pensas na machina resumo de todas as machinas. Sim. Symbolo da escravidão dos homens. Na eterna illusão e no eterno erro — sem pensar na machina, mas por causa della traçou o homem a divisão hostile entre trabalho e capital, creando as reivindicaciones. Tolice. São todos meus escravos, mesmo aquelle que jamais viu uma só machina. Porque eu sou o Deus que quer sempre mais, mais depressa, pondo na alma de cada um o incontentamento, o phrenesi de mais, de mais, sempre mais, e o medo que o mais acarreta aos que têm muito e o odio que o mais alastra nos que têm pouco, vendo difficil o muito, e a raiva de todas as canalhices da hypocrisia. Eu sou a aspiração que a necessidade transforma em furia, eu augmentei colossalmente o trabalho e a fortuna

para augmentar a certeza da miseria — miseria dos que são patrões, miseria dos que o não são, rotulos apenas do pavor e do desespero. Eu trouxe a idade em que se cria a lei da machina, o unico direito possivel, que é o direito de ganhar por todos os meios, sem nenhum direito mais.

A tenacidade no erro do animal homem! Com que inconsciencias são repetidas em torno de mim, de geração em geração, as mesmas phrases dos economistas, dos sociologos e de outros que não são nenhuma das duas coisas! Os homens maravilham-se do serviço que eu presto. Commigo, póde-se semear ao mesmo tempo que se arrotea, abrir canaes, perfurar montes, vestir milhares de homens, descobrir terras — tudo o que se fazia antes da machina, mais de vagar. Que se ganhou ganhando tempo? Mais trabalho, mais preocupações, mais desigualdade, mais amargor. E a origem da machina foi o desejo da igualdade, a libertação do trabalho. Commigo, todos os paizes estão perto uns dos outros e os homens chamam-se irmãos e camaradas. Mas isso não im-

pede que irmãos e camaradas se odeiem, e antes origina as mais terriveis guerras. Com-migo tudo se realiza. E principalmente as tremendas e inauditas e quasi instantaneas destruições.

Adora-me. E' dever teu diante da obra maior da especie. Mas comprehende que o esforço incompleto da intelligencia fez dos antigos escravos o mundo automato na idéa fixa de querer mais dando-me o seu trabalho, o seu sangue, a sua carne, a sua vida.

Admira-me. E' preciso que os homens descubram a belleza do que realizam. Mas vê que eu retirei a belleza da terra, puz na esperança dos valles a angustia sem remissão, enchi as cidades da furia livida dos escravos da fatalidade, ennegreço os céos e tambem as almas — augmentei o odio universal com a força de todos os meus motores, teço os desesperos com os tecidos, ligo com os paizes as coleras, confundo os horrores com a rapidez, centuplico o trabalho de cada um e a inquietação de cada coração, e alastro sobre a terra a fealdade physica e a fealdade moral. Repara bem que os ho-

mens sem belleza, as creanças sem saude, as mulheres desalentadas são a parte minima da minha obra — a parte physica que se mistura ao conforto e ao progresso — porque o meu irrevogavel horror está no tampo moral com que eu abafo os homens, dando-lhes a idéa fixa de ganhar para que elles mintam, finjam, roubem, explorem-se, matem-se e sejam sempre em toda a parte correndo como Cains á voz não da consciencia mas da machina.

— Mas que queres tu, com dizeres amargos, machina? A amargura é uma ingenuidade. Que adianta chorar o que não tem remedio? Poderíamos viver sem a machina? Que seria do progresso, do conforto, dos capitalistas e dos seus parasitas, da classe operaria e dos seus exploradores? E o trabalho? e o capital? e os economistas? e os chefes revolucionarios? Trabalhou-se tanto em tão pouco tempo que, para não morrer, só ha uma saida: arranjar mais trabalho. Só tu, machina, que fizeste a fortuna e a destruiste, podes concertar o mundo. Todos nós só te temos a ti, Deus.

—Precisamente. Não quero senão que me concertem para de novo funcionar. A minha funcção é essa. Mas sem enganar. Consciente. Conheço o mundo. Como podes pensar no meu desejo de acabar a machina, quando, depois de verem para o que ella serviu, os homens só pensam em aperfeiçoar todas as machinas e os meus escravos conseguiram, á força de imaginação, dividir a sociedade entre o proletario victima do capital e o capital victima do proletario, querendo ambos a machina?

Obedeço ao destino. E se te falo é apenas para mostrar que, querendo o homem crear a deusa da ventura creou o monstro da grande miseria.

A rethorica é illustração derivativa de sentimentos inuteis. Fiquei á espera que a voz continuasse. Mas a machina calara-se. Ou talvez nunca tivesse falado, e fosse tudo de minha imaginação. Imaginação romanticamente opposicionista como as dos que elogiam é sem opposição tambem romantica. Sai então do *hall*, onde a machina velha parecera falar, sem acreditar no que ella dissera.

Mas deu-se o caso que, para sair da fabrica, tive de passar por outro *hall*, onde funcionavam outras machinas, e onde ninguem falava. Havia um fragor de desastres rythmado, coordenado, normalizado. As machinas galopavam, galopavam, mastigavam, mastigavam, incansaveis assombros de mecanica, rodas ligadas a rodas, um só impulso movimentando marcha, mastigação dos ferros, dos aços, dos homens feios, das mulheres feias, das creanças feias. E tudo isso produzia e tudo isso continuava, mastigando, marchando, absorvendo, produzindo — mais, mais, mais.

E foi então que, vendo os actos sem palavras das machinas em trabalho, eu acreditei nas palavras da velha engrenagem aposentada, que a si mesmo se donominara monstro da grande miseria.

O Anjo

Na terceira esphera do vasto azul dos céos, o pequeno anjo pairava, quando o chamaram. O anjo olhou para o alto e viu os Thronos, os Cherubins, e os Serafins que sorriam. Não podia duvidar. Iam dar-lhe uma incumbencia celeste. Abriu mais as duas asas côm de espuma e ascendeu. O anjo conhecia os céos. Os homens tambem os conhecem na sua hierarchia. Ha tres classes no firmamento, divididas em tres ordens. Na primeira classe ficam os Thronos, os Cherubins e os Serafins; na segunda, as Dominações, os Principados e as Virtudes, que são forças; na terceira, as Potencias, os Archanjos e os Anjos. Junto a Deus é a primeira classe que illumina a segunda, que, por sua vez, illumina a terceira. Cada um tem o seu trabalho. Os Serafins participam da bondade

divina, os Cherubins admiram e participam da sua sabedoria, os Thronos contemplam Deus; os Principados velam o genero humano, as Virtudes, os corpos; as Potencias os demonios, as Dominações os bons espiritos, os Archanjos as provincias, os Anjos os individuos. Dessa classe numerosa saem os anjos chamados da guarda...

O pequeno anjo, ao chegar ao céu perto de Deus, indagou:

— Que me quereis?

Os Cherubins sorriram, e o primeiro delles disse:

— Vai nascer agora um ente de que serás o anjo da guarda.

— Serei.

— E's um pequeno anjo bom e ignorante do que é a humanidade. A alma que entra para o corpo que terás de ajudar é a melhor, a mais doce das almas. O mundo, entretanto, não é assim. Os homens preferem os inuteis caminhos mais difficeis ao recto caminho indicado por Deus. E nós vemos que, apesar de bom, o homem sob a tua guarda soffrerá tantas infamias, supportará tantos males

injustos, terá tantas tentações da maldade sem cansaço, que succumbirá, será máo, será infame, será indigno. Quando morrer o corpo, a alma irá para o inferno.

--Que farei eu, então?

—Tu tratas de defendel-o. Para que o possas fazer prevenimos-te.

—Pobre alma! gemeu o anjo.

—Guarda-a! disseram os Cherubins a sorrir, porque sabiam o que o pequeno anjo ia fazer.

Realmente. O anjo fechou as asas e frechou do azul sobre a terra como um dardo d'açucenas. Vinha agoniado, assustado com as graves responsabilidades, o desassocego, a idéa de saber-se inutil para salvar uma bondade. No telhado da casa onde ia nascer o novo homem, a luz tenue do seu corpo chamou uma sombra que se agarrava á chaminé, enquanto dentro havia soluços e gritos.

—Esperava-te, ó meu anjo!

—Quem és tu?

—Eu sou a alma, meu anjo da guarda! Sem ti, não tinha coragem de ir viver. Mas

agora, nem mesmo a teu lado, sinto essa coragem. Não! Anjo bom, faze-me logo um bem, para que eu volte á bemaventurança; mata-me ao nascer! Tenho a certeza de que vou atravessar um calvario de horrores a caminho do inferno. Juro que não me poderás salvar! Choro de medo!

Dentro de casa os gritos eram lancinantes: aos pés do anjo, a pobre alma debatia-se. O anjo queria salvar a alma. Não tinha, porém, a incumbencia de não dar vida ao corpo e, se fizesse esse bem, talvez o considerassem mal. Por isso, com medo de que morresse a mulher que dentro da casa gritava, com pena da alma e principalmente com o pavor de não a defender bem, tomou uma inspirada resolução.

—Vai-te! disse á alma.

—Que fazes?

—Tomo o teu lugar.

—Como?

—Melhor é guardar-se que guardar os outros. Farei só todo o serviço. Até o dia da morte...

A alma quiz protestar. Mas o anjo desap-

parecia na chaminé e, logo depois, os gritos em baixo cessaram. Nascera na casa um gordo menino, cheio de doçura. A alma hesitou e vagarosamente partiu, sem rumo.

O pequeno anjo da guarda não precisava da alma. Os seus sentimentos eram de curiosidade agora. Queria ver bem de dentro — o que julgaria de fóra. A humanidade parecia boa. Amimavam-no e elle não chorava. Seria assim sempre?

Dias depois veio a primeira surpresa. A ama, que o acalentava, espremia os seios atrás da porta para não lhe dar o que comer. O pequeno chorava, porque o anjo não podia sofrer a fome terrena. E ella dizia:

— O anjinho a chorar! Que tem o meu filho?

E torcia, amavel, os seus tenros membros.

— Por que me faz isso esta creatura? pensava o anjo.

De pensar vieram-lhe febres, convulsões. Padeceu a molestia. Soffreu mais sem saber ainda por que. E, assim, nos longos dias e nos curtos annos o pasmo amargo da vida foi crescendo, diante das maldades, forças

vivas da terra. Quando tentou andar, cahia e soffria; quando brincava, pisava-se e soffria; quando quiz aprender, soffreu, e os seus primeiros camaradas batiam-lhe.

— Este menino é um anjo! Benza-o Deus! diziam.

— E' um pateta! replicava o pai severo.

Elle era muito affectivo e logo sentiu que amar é a maior desgraça. Diante da sua affeição ninguem o comprehendia. Elle via que cada um tratava só do proprio interesse e que os pais, para defendel-o, já o deslocavam do lar. Era preciso ser homem, ser forte, estar só no collegio. O anjo da guarda tremia no corpo fragil. Seria possivel? O collegio começava a fazel-o homem, com a insignificancia dos professores, as intrigas do pessoal baixo, as maldades animaes dos outros pequenos. A principio olharam-no com desconfiança. Mas, logo que descobriram a sua bondade, os professores exploraram-no como exemplo de castigos, os bedeis impu-taram-lhe máos actos dos outros, os compa-nheiros crivaram-no de perversidades, baten-do-lhe mesmo sem razão, só para divertir.

O anjo lembrava-se que era anjo. Chorava apenas. Estava magro, de olhos medrosos, e tão tímido!... Se soubesse, como não teria tomado o lugar da alma!...

— Seu filho é um demonio! disse um dia ao pai o director do collegio.

— Minha mulher julga-o um anjo. Eu sou de opinião que é um tolo!

Levou o filho para casa, fel-o confessar-se e deu-lhe uma norma.

— O primeiro que te der um peteleco, dá-lhe uma bofetada. A quem te levantar uma calumnia, persegue sem cessar. Ou fazes assim, ou espanco-te, se appareceres com queixas.

No dia seguinte, ao descer uma escada, um dos garotos puxou-o pela perna. O pequeno emborcou sobre o outro. Para não rolar, segurou-o com força. Rolaram ambos. No patamar estava o garoto com a cara em sangue. Quando o director appareceu, o petit perverso bradou:

— Atirou-me da escada abaixo!

— Mentira! Foi elle que me puxou pelas pernas. Mas eu tenho pena d'elle.

Esta phrase foi considerada um modelo de hypocrisia precoce. Agradou, a todos. E os outros meninos, convencidos de que o bom pequeno tinha força — recuaram. Então, insensivelmente, o pequeno anjo da guarda foi esquecendo o céo, identificando-se com o seu corpo. Era bom, mas tinha de ser igual aos outros. A's vezes, como que se recordava. Mas, a onda da torpeza natural continuava a arrastal-o.

Quando se fiava no proprio valor, era esmagado. Quando acreditava na amisade ou no amor, era humilhado. Fez exames pedindo como os que não sabiam. Para não passar por idiota, não pensou no céo e pensou nas patifarias. Entregou o seu corpo e soffreu da indifferença, procedeu mal, acompanhando os outros.

Formado para a vida, atirou-se a ella, querendo ser bom. Nada mais impossivel. Para não sossobrar era preciso corresponder. Quiz ter amisades. Foi traído e vilipendiado. Quiz ter um amor. Os amores falharam. Quiz fazer o bem. Recebeu ingratições. Quiz ter fé nos homens. Aquelles honrados que lhe da-

vam a palavra de honra mentiam mais que os bandidos. Só havia um meio de existir: fazer-se temer, lutar, esmagar, não ter consciencia senão dos seus appetites, das suas ambições, não desculpar senão os seus proprios crimes e as infamias cynicas praticadas por simples exercicio do mal. A cada máo acto resistia, teimava em ser digno. A opinião era inversa e para não sossobrar, correspondia ao turbilhão de ignominias. Era quasi como todos os homens, afinal. E só não era inteiramente igual, porque antes de reagir contra a infamia, acreditava sempre em tudo quanto não devia acreditar: na bondade, na honra, na amisade, no amor, na dignidade, no saber. Quasi sempre ouvia repetida aquella phrase da ama que lhe torcia os braços tenros em criança:

— Oh! Você é um anjo!

Elle sorria triste e desalentado, á espera do tormento ou da affronta. E pensava que afinal a sua tristeza vinha de não ser como os outros homens, que têm sempre ao lado um anjo da guarda. Elle era só no mundo! O unico companheiro leal da terra, o anjo,

não o tinha elle. E por isso era de certo o mais infeliz... Viveu assim, amargo, desiludido, sem ideal, como uma fera, como os outros homens — na defensiva.

Um dia, o corpo de cincoenta annos em que o pequeno anjo da guarda substituiu a alma estava num automovel. O automovel precipitou-se contra outro. Com o choque, o corpo foi jogado á distancia, a cabeça fendida. O pequeno anjo saltou, deixando o corpo inteiriçado, morto. Olhou-se espantado. Estava sujo de sangue, de lama, de sanie, com as asas quebradas e o corpo coberto de pustulas.

Emfim, a triste experiencia da terra acabara! E vendo a sua miseria, a sua ignominia, o pobresinho rebentou aos soluços. Que iria fazer, sem poder voltar ao céo, para sempre maculado, pelas manchas que levam as almas ao inferno?

Então, ouviu um vôo, ergueu a cabeça e viu o primeiro Cherubim.

— Perdão! Perdão! Eu fiz por bem! eu fiz por bem! bradou de joelhos.

O Cherubim sorria. E disse:

— Não chores, pequeno anjo da guarda,

a quem Deus confiou a maior experiencia celeste. Não chores. Deus deseja acolher-te no seu throno azul para que repouses eternamente. Nunca foi dado a uma entidade celeste o feito que praticaste. Melhor é guardar do que guardar-se. Alguns homens raros podem alcançar o céu, porque lá existe a bondade. Nenhum habitante do céu, entretanto, resiste aos homens, tão atroses elles são, por melhores que sejam. Vem, pequeno anjo ousado, vem...

O anjo ergueu-se. As pustulas caíram do seu corpo como estrellas de luz. O Cherubim endireitou-lhe as asas.

— Mas, por que, senhor! os outros anjos da guarda não me preveniram da miseria da terra?

O Cherubim tornou a sorrir.

— Porque nunca vieram cá, pequeno anjo innocente, premiado pelo muito que soffreu. Entre o céu e a terra nada ha de commum, senão o que o céu perdôa aos homens inutilmente máos.

E o Cherubim, prendendo ao peito o doce anjo pequeno, mergulhou para sempre no liquido azul do espaço infinito.

Fumo

Á porta de uma certa casa de chá, o homem despreocupado espera o seu melhor amigo. O seu melhor amigo era um cidadão que se introduzira na sociedade pela sua mão, que procurava systematicamente lhe atrapalhar os negocios e tomar-lhe as amantes, sempre acre, sempre desagradavel. E por isso mesmo indispensavel, desde que um homem despreocupado tem sempre o erro de ter medo de um inimigo intimo. O homem fumava como toda a gente em geral, quando espera. Estava abstracto, olhava a chuva. Como nos alheia do mundo contemplar a chuva miuda que molha as calçadas das cidades! Que immensa melancholia e que triste certeza no vão esforço . . . Como para os philosophos antigos havia acima do tempo e do espaço um mundo em que moravam as verdades possiveis, é talvez possi-

vel que desçam nas chuvas dos dias de inverno as desolações da infinita desillusão.

Quando viu que esperava dez minutos, o homem despreocupado arremessou com furia a ponta do cigarro. A ponta ficou dentro da casa. Ia dar-lhe com o pé—não fosse ficar para ali a arder!—pol-a na rua, quando ouviu:

—Não sejas máu!

A linguagem é uma faculdade que todas as coisas têm. Apenas os objectos inanimados são os unicos que só falam quando se quer e só dizem o que desejamos. Seria o resto do cigarro? Uma ponta de cigarro a falar era tanto mais natural quanto a sua vida ephemera passa-a nos labios, entre palavras, que ás vezes e raramente aproveitam. O homem despreocupado não teve surpresa. Nunca tivera surpresas. E' o grande meio de surprehender a banalidade alheia. Respondeu, pois, logo:

—Máu, porque?

—Queres atirar-me á chuva, queres afogar-me, a mim—que ainda ha segundos brilhei no teu labio! Queres perder-me...

—No máu sentido?

—No bom.

—Mas nada se cria e nada se perde na natureza...

—Isso dizia um chimico philosopho — porque tudo se transforma. A civilisação, porém, marcou que as pontas de cigarro se transformassem de uma certa maneira, e jogada á rua, na enxurrada, arrisco-me a ter um fim diverso.

—E' imprevisto.

—Não sejas máu. Ouve o teu coração sentimental.

—Eu sentimental?

—Evidentemente. Só por isso me arrisquei a falar-te. Se fosses para ahi qualquer sujeito resignava-me. Mas não és...

—Que queres então? inquiriu commovido o homem.

—Em vez de dar-me um ponta-pé, apanha-me e ouve, enquanto ardo. Assim por assim, entretenho a tua espera...

O homem despreocupado curvou-se, apanhou-a. Fez bem. Uma das maiores tristezas contemporaneas vem da falta de poesia dos

verdadeiros poetas. Parece que só os médios sentem a beleza contemporânea. Com um pouco de imaginação, o mundo seria um encanto. O fogo da ponta de cigarro deu a impressão de que se reanimava. Outro descobriria a causa no deslocamento do ar. O homem despreocupado viu logo uma alegria. Segurou-a com dois dedos. Espiralava um tenue fio azul. Assim, o homem ia talvez pensar, quando a ponta falou baixinho:

— Como vêes, sou uma ponta notável, isto é, desperdiçadora. Fui cigarro *gold tipped*, isto é, com papel dourado na ponta. Quando o fogo chegar ao papel, apago e guardo uma certa quantidade de tabaco, que outras pontas vulgares não logram muita vez guardar. Seria uma lastima perder-me. Dentro em pouco passa por aqui um pobre diabo e apanha-me. Sou a *imperial*, o meu tabaco reaparecerá num cigarro misturado, passarei a ser *barata*, e talvez ainda algum elegante venha a fumar um pouco de mim mesma, dentro de mezes... Porque atirar-me ao enxurro?...

— Nem imaginava a utilização...

— Mas podias lembrar o que eu sou na vida contemporanea. E sabes o que eu sou, meu caro amigo! Toda a poesia, a suggestionadora de belleza, o sello dos segredos não falados, o desinfectante das contrariedades, o pequeno portador do sonho e do consolo para todos os sêres. O cigarro está na sua capa branca como um sudario. Subito treme nos labios. O fogo de Prometheu ataca-o, e immediatamente elle vive morrendo para dar o prazer inutil da fumaça, nessa pressão permanente dos labios. Dirás que o cigarro é impassivel e não sente o contacto lubrico, essa continua sucção que o queima, o extingue, o mata? E' o mais fiel amante—o que não engana, aquelle que, como certos insectos, morre no acto do amor. E o que elle dá de consolo, o que elle excita, o que elle lealmente suggere! Compõe o philosopho, e as idéas puras bailam na tenue fumaça de azulada. Escreve o poeta, e nos seus labios o cigarro segreda rimas. Senta-se á banca o jornalista, e logo o cigarro acceso suggere-lhe perversidades e mentiras...

— Exageras...

— Quem sabe? Mas a ponta do cigarro é o pequeno lume de idealismo no vulgar mundo contemporaneo. Seja um *royal derby* dos que fuma Guilherme II, seja um *abdoula* n.º 2 dos que fuma o rei de Inglaterra, cigarro caro saído do Oriente, collocado nas elegancias de New-Bond Street, em Londres, ou o modesto misturado, ou o humilde *mataratos*, na boca dos reis, na boca dos ministros, na dos potentados e dos coitados, dos genios e dos estupidos, dos malandros e dos bons, eu sou sempre o consolo, o discreto amigo, o confidente intimo, o escravo amoroso.

Como aquella ponta de cigarro falava docemente! A realidade é sempre redundante, superabundante. Se fosse verdade tudo aquillo pareceria intoleravelmente odioso. O pequeno tubo branco sussurrava porém um pensamento mais leve que o seu azul fio de fumo. E ia desaparecer. E ninguem ouvia as suas palavras.

— E's de facto interessante.

— Ainda bem.

— Que diria o mundo se te ouvisse?

— Mundo em grego significa ordem. A desordem não me ouviria. De resto é bom. O que se dá á intelligencia tira-se á vontade. Eu deixaria de ser o consolo universal.

— Oh!

— Repara no homem. Elle vai andando. Se tem uma preocupação, apalpa o bolso, tira de lá um cigarro e segue. E' dono. Quando os cuidados lhe vincam a testa, o cigarro pende-lhe do labio. E' negociante. Quando pensa no negocio, fuma. E' sonhador. Quando se prepara para escrever, acende o cigarro. Não é só, porém, nas preocupações que o cigarro serve. E' no descanso, é no prazer, é no intervalo do trabalho. O pobre homem larga a enxada para enrolar-me; o remediado, após o ventre farto, queima-me como um complemento de refeição bôa.

Como negar que seja o consolo universal? E sem saber disso, o mundo ainda mais me goza, pois, depois de gozar, joga-me fóra, alheio ao remorso.

O homem despreoccupado sorriu:

— E' o fim de tudo, ó ponta de cigarro!

Mais obscuro que a treva só ha o homem —já disse o poeta grego. Posso garantir que seria uma calamidade, se o homem se lembrasse dos serviços que lhe prestaram os escravos inuteis. Tu não aborreces, é verdade...

—Mas a minha grande gloria é exactamente dar o prazer que não dura muito e não causa mal algum. E' possivel o prazer da mulher sem dez mil incommodos de alma e de algibeira? E' possivel o prazer da mesa sem as consequencias fataes do champagne, do *fois-gras* e de outras coisas? E' crível o prazer do mundo sem dez mil receios e horrores? Não! Não ha prazer algum do homem, nem um só! que não seja conquistado em troca de dissabores por toda a vida...

—E's pessimista...

—Sou verdadeira. Apenas resta o cigarro, esse pequeno tubo branco que arde, dança nos labios, evola o sonho, o consolo, torna vago os homens positivos, liberta a alma um pouco e depois fica para ahi na sargeta, no cisco, esquecido do sêr que o sugou, a caminho do grande monturo transformador.

— Também não quererias que os homens guardassem todas as pontas de cigarros?

— Oh! não rias. O meu orgulho está que elles guardam. Apenas, eu desço, eu me consumo de gozo, eu sou o prazer que se entrega e espera morrer noutra boca. Que queres? O cigarro sai da caixinha precisando acordar. O fogo revive-o. O labio suga-o. Elle vive o minuto de prazer e jogam-n'ó. A ponta fica ainda ardendo um instante, na esperança de ser apanhada, seja *imperial* ou seja *barata*. A's vezes, passam negociantes, homens que nos apanham para fazer cigarros novos. Mas nem sempre — porque ha de tempo em tempo um pobre esfomeado, desejoso da *tragada*, ha um garoto semi-nú, cuja boca voluptuosa me quer. E eu salto do chão para as suas mãos, das mãos para o labio e lá, ardendo, tremula de amor, morro em fumaça, flôr de idealismo, cigarra silenciosa do sonho...

— Poeta!

— Como todos os incompreendidos!

— Ainda?

— Se ainda não passei na velha terra de

novidade, a ultima voluptia descoberta pelo homem?

Mas, de repente, o homem despreocupado viu que se avisinhava o seu melhor amigo, o seu inimigo intimo. Temeu o sorriso ironico, a propalação da sua attitude. Atirou bruscamente á rua a ponta de cigarro. E de novo viu sem misericordia sob os cordões d'agua a cidade amarga e a sua vida vasia.

Então lembrou-se de outro cigarro. Abriu a carteira, accendeu-o. E apertou a mão do seu semelhante atravez do fumo azul, enquanto a reveladora do segredo do balsamo da vida, desmanchava sob a batega. Também por que fôra ella falar e ensinar? No orbe, onde tudo se perde, o prejuizo irremediavel é defender-se ensinando...

Lazaro

— Por Osiris, Nathaniel, se vejo e ouço tal homem, satisfaço o meu maior desejo!

Era na porta Suza, em principios do mez de Nizan, sendo Herodes Antipas tetrarcha da Judéa e Tiberio imperador do mundo. Sobre Jerusalém cahia o sol. A terra modorrava num bafo morno. De tunica verde e vasto turbante, Nathaniel seguia a pé, ao lado da liteira. Dentro da liteira, de toga branca, a face inquieta e curiosa, L. Copornius Gambivius olhava.

— Quanto tempo levaremos?

— Duas horas.

L. Copornius Gambivius contemplou a paisagem. Na estrada, o trote dos escravos erguia a poeira. Era, porém, agradável, ao deixar Jerusalém, tão pedrenta e secca, repousar o olhar nos arvoredos das quintas do Cedron — acurvadas oliveiras, palmeiras po-

bres, folhudas figueiras. Do valle rural a estrada trepava por uma bossa, onde, por sobre renques de arvores de azeitona, colmavam os ramos escuros de alguns cedros.

L. Copornius Gambivius deixara Roma havia cinco mezes, vindo a Cesaréa da Palestina em visita a seu tio pro-consul. A agitação da grande cidade chegava-lhe como os rumores do oceano de que fala Homero ao descrever as batalhas. Apenas o afastamento não impedira augmentasse a inquietação que o ausentára do centro do imperio. Ainda agora, ao galgar a liteira os olivaeos do monte, as recordações dos ultimos mezes da sua vida breve em tropel o assaltavam.

Que lhe valera a riqueza, e que lhe tinham valido a descendencia de illustres familias consulares, o dote de um bello physico e o dom da intelligencia? A educação livre, sem o carinho materno e o conselho do pai, dera-lhe ao espirito a tendencia para a divagação. Os amigos de uma existencia frivola e mundana haviam desfeito pelo exemplo e

a emulação as possiveis energias do seu coração. Preferira o luxo á guerra, o prazer aos postos, a volupia ao trabalho e em plena felicidade, secretamente o corroia a duvida desejosa da certeza. Essa duvida! Fôra o seu mal. Era o seu mal. Os actos mais absurdos, praticara-os por ella. Os excessos mais incriveis realizara-os para esquecel-a. Quer de inverno, em Baia, quer de verão, em Cumes, quer nos poucos mezes que passava na sua vila do Janiculo em Roma, com elle viviam nobres e jovens elegantes e seguia-o o bando variado e voraz dos clientes; cantores egypcios, mimas gregos, poetas exacerbados pela humilhação, philosophos de innumeradas escolas. A violencia material da sua vida era envolvida da penetrante avidez de belleza dos poetas, da cultura desesperada dos sophistas. Elle inquiria toda essa gente de raça diversa, de opinião varia, pasmava, que só elle tivesse um desejo dos outros não lembrado. E, entretanto, parecia feliz. Era o amante de Pomponia Malvina, grega da Illyria, a quem dera certa vez duas esmeraldas do valor de dez mil sestercios. Apaixo-

nara Lucrecia, irmã de um dos seus amigos e esposa do senador T. Rufus. Passeava pela cidade como modelo dos elegantes, com a cabelleira embebida em essencia de angelicas da Syria. Colleccionava baixelas e vasos antigos gastando fortunas, e no festim que offerecera a seu tio o segundo serviço passara em pratos de ouro que diziam ter pertencido á rainha de Carthago, apaixonada de Enéas. A fantasia do ocio levara-o mesmo ás incursões aos bairros escusos, aos passeios no Tibre em barcos cheios de rosas, com mulheres nuas á luz dos archotes. Mas a palestrar com a cortezã Malvina, ou com Lucrecia, matrona patricia, a discutir com os philosophos, ou vendo no fundo dos incensarios a lascivia das bayadeiras de Bibilis, tinha de repente impetos de rasgar, de bater, de matar—porque precisava interessar-se pelo curioso mal da sua alma.

L. Copornius Gambivius vivia no momento em que Roma recebera os deuses estrangeiros, discutindo todos os philosophos gregos. Osiris venerava-se junto aos templos dos deuses nacionaes. A Triade Ale-

xandrina absorvia crentes. Nas escolas os rhetores analysavam, desfazendo-as, as allegorias divinas. As ruas da cidade, as escadas dos palacios, as tabernas fervilhavam de asiaticos e africanos do mais estranho aspecto sem que os romanos os estranhassem. Eram sacerdotes com mascaras de cachorro dando saltos e esmolando, eram egypcios de vestes de linho agitando sistros, eram chiromantes que liam a sorte e chiromancios que explicavam sonhos e capotelesmaticos que informavam da influencia dos astros reis, eram gregos divulgadores de Pythagoras, das propriedades divinas das figuras geometricas e da virtude do numero nos mysterios orphicos, eram vendedores de animaes amuletos. O templo de Isis mantinha dia e noite o serviço religioso em louvor da Triade. Os transeuntes ouviam de longe o rumor dos hymnarios e de repente as praças se atravancavam de procissões isiacas com a sua molle de serventuarios: hypogramatas, scribas, clidoneos, hagiographos, onirocritos, lychmatrias, canephoros. Ninguem mais ria. Oitenta annos antes de Cesar os

spondaros do oriente e os sacerdotes da Deusa de Persinunte já abalavam a velha fé romana. As perseguições eram crises. Apesar das coleras publicas, Tiberio em segredo mandava buscar os alexandrinos coroados de lotus para representar no Palatino o mysterio de Harpocrata. A irreligião geral dava nesse aneio pelo deus alheio. Elle proprio, como os seus amigos, jurava por moda.

—Que Osiris dê a tua alma sedenta a agua que refresca!

O prestigio do Deus estrangeiro viera da formal affirmação de que esse Deus resuscitando resuscitava os mortos. A opinião corrente quanto á religião official era em Roma a mesma que na Grecia: a multiplicação dos deuses não passava de uma prova da velhice do mundo. E por isso aos poucos os mysterios espalhavam a crença num Deus, representado pela Triade, sempre a mesma em todas as venerações. Triade capaz de, resuscitando, dar aos crentes o balsamo de uma nova vida.

L. Copornius Gambivius estudara as escolas philosophicas. Sabia bem que a nova

religião levada á Grecia pelos marinheiros, introduzida em Roma pelo cosmopolitismo da conquista, fôra organisada como religião unica do mundo por Ptolomeu Soter, que para isso mandara Manethon, sacerdote egypcio, escrever em grego o "Livro Sagrado", em que mostrava a semelhança dos deuses dos dois paizes, manifestações de um Deus Supremo Osiris. Era essa a religião alexandrina. Mas todos os philosophos chegavam ao mesmo resultado — a um Logos inicial. Que seria? Tales de Mileto considerava a agua; Anaximandro isolava Deus da obra do mundo; Anaximeno pendia para o ar como primeiro principio; Xenophanes vociferava contra os deuses a imagem dos mortaes e considerava o Um como Deus. No turbilhão philosophico, entre neu-platonicos, aristotelicos, pyrrhonicos, peripatheticos, zenonistas — só vivia uma idéa geral: o logos dos mysterios orphicos, o Deus inicial. Era preciso que esse Deus já se tivesse manifestado, para que o numero de adeptos diariamente augmentasse. E, na indiferença passiva dos crentes, L. Copornius Gambi-

vius tinha um enorme desejo: ter a prova do Deus, ver os resuscitados pelo Deus que resuscita.

A felicidade absoluta dera-lhe o tormento dessa idéa fixa. Por fim, já não a occultava. Entre sorridente e tímido dizia:

— Eu desejaria ver um resuscitado!

— Para que?

— Para crer como os que vejo crer.

Uma vez Lucrecia disse-lhe:

— Não o podes ver porque não és iniciado. Vem ao templo. Poderás assistir depois aos mysterios da resurreição!

Elle não se admirou que Lucrecia fosse isiaca. O Deus oriental conquistava o fervor dos libertos, dos escravos, dos infelizes e das mulheres, mesmo as da alta condição. A proposta, ao contrario, deu-lhe animo. Lucrecia era de uma grande sensibilidade, cheia de intelligencia. A sua volupia temperava-se de arte. Falava como todas as matronas illustres o grego. Sabia de cór os duros versos de Ennios e as frescas obscenidades de Ovidio. Mandava buscar ao oriente os tecidos das suas vestes. E mantinha por sua

conta um adivinho babilónico. Ella deixava entrever a possibilidade: elle, a quem nunca fôra negada a realisação de um desejo, tinha esperança... Com as profundas explicações do adivinho babilónico, que lhe contava a revelação no antigo Egypto de Osiris— bom, apesar de usar um chicote, não teve mesmo duvidas. No dizer do hierophanta, o corpo é morada transitoria e ninguem morre de facto. O symbolo está na serpente que morde a cauda e no sol que todos os dias renasce da treva. A resurreição torna todos iguaes. E por isso em Memphis, em Alexandria, todos os corpos eram guardados em hypogeus á espera da vida nova.

L. Copornius Gambivius, no mez de novembro (que os isiacos denominaram Athyr), declarou num festim aos amigos que assistiria como iniciado aos mysterios da Paixão de Osiris. Foi grande o pasmo.

— Lembra-te do que diz Ovidio! bradava Fluvius: "Osiris, o deus que nunca mais acabam de procurar".

— Vais a serio? interrogava Palautius.

— Deuses que só agradam ás mulheres e

aos libertos, por lhes acenar com a felicidade da vida futura!

E citavam Propercio e Catullo, cujas amantes eram isiacas e a palavra de mel do divino Platão.

—Seja. Mas, se o Deus é Deus, terei a sua prova. E ouvirei um resuscitado!

—Só te pedimos que não morras, para esperar o prodigio!

A curiosidade (sem a fé que cria a realidade) reservava-lhes amargores. Instalado no templo de Isis como espectador, a sua natureza romana, desejosa de certeza, aguçou-lhe o desejo para mais sentir o nada religioso. Estava cheio o templo. O mundo de hierodulos dirigia as cerimoniaes. Na escuridão agonizante, soltando gritos lancinantes, homens e mulheres andavam de um para outro lado á procura dos pedaços de Osiris, que Typhão dispersara. O joven romano olhava a imagem de Isis immovel, apesar dos hierogramatas gritarem que ella dirigia as pesquisas dos restos do divino esposo. O fumo dos incensarios, a insistencia da idéa unica, os gritos religiosos iam aos pou-

cos insandecendo os crentes. Barbaramente, o deus metamorphoseava em furias chorosas os bandos de veste de linho. No dia seguinte, atordoado, quasi surdo, a multidão sem senso, horrorisava o romano. Muitas mulheres, de tanto gritar, emborcavam nas lages sem voz e o seu alarido das phalanges em desvario seguia na procura frenetica dos despojos do deus. L. Copornius Gambivius, porém, esperava. A colera subia na sua duvida desejosa de certeza. Mas não poderia resistir, se no outro dia uma voz não exclamasse de repente: resuscitou! Dos soluços lamentaveis a turba rebentou num estrepido de alacres gargalhadas. Resuscitou! Resuscitou! Homens, com máo halito pela vigilia e a jejum vociferavam cara a cara: Resuscitou! Mulheres, desgrenhadas e pallidas, dobravam-se em risos agudos. Resuscitou! Resuscitou! No alalá que abalava as portas, os iniciados corriam á via publica atacando os transeuntes, a bradar: Resuscitou! Homens abjectos, imitando animaes, mugiam, guinchavam, silvavam, cacarejavam: Resuscitou! E, no estrado dourado, Osiris,

de prata estriada entrava redivivo, sob a gargalhada baralhada de milhares de gargalhadas. Indignado, sem comprehender, elle ia sair quando o agarrou Lucrecia, livida e tonta.

—Vem comer! Vem comer! Elle resuscitou!

—Resuscitou o que, mulher?

—Resuscitou! ganiu a esposa do senador.

—Não mintas!

Mas em torno uma onda de femeas em furia gritava:

—Resuscitou! Perjuro! Jura por Osiris resuscitado!

Elle lembrou-se das historias correntes de assassinatos dos incréos nos mysterios. Redobrou de força, abriu a soccos o caminho da rua. E correu. Emquanto os isiacos desenfreados bradavam: resurreição! resurreição! sob o sol pallido da manhã que subia...

—Não quererás ver as curiosidades destes bazares?

Arrancado ao tropel das recordações, o joven romano voltou-se. Nathaniel mostrava-lhe, sob os cedros do monte, as exposições de alguns atilados mercadores que ali, ao ar livre, se estabeleciam para fornecer os suburbanos em caminho de Sion.

— Não! Sigamos, disse L. Copornius Gambivius. Como queres perder tempo?

— Ha sempre tempo para ver a verdade.

— Tambem, se me enganas, por Hercules! aniquilo-te.

A lembrança da scena isiaca irritava o romano. Ah! no primeiro instante tivera impetos de ir queixar-se ao imperador, de mover, como já o fizera Kencréas, tenaz perseguição aos alexandrinos e clamar aos varões romanos: “Os sacerdotes de Osiris minam a vossa energia através as mulheres e a famulagem! Cautela!”

Mas a nausea do escandalo impedira-o. Recolhera humilhado. Lembrara-se de partir para ser esquecido. Partira a visitar o tio só para isso. Apenas, se o oceano apaga dissabores, alimenta a chamma da curiosidade. Por sobre as ondas anda Psyché. E

no seu cerebro a idéa fixa continuava. Era impossivel que homens de diversas raças ha centenas de annos tivessem chegado, sem se communicarem, á conclusão de um Deus supremo e unico que resuscita, se esse deus, fosse qual fosse o seu nome, não se manifestasse ou não tivesse de se manifestar. A obsessão oriental fundira-se no desejo que o animava. Não seriam os isiacos de Roma a apagar a sua duvida anciosa de certeza...

Cesaréa da Palestina, de todas as Cesaréas do imperio a mais linda, era o ambiente para conservar o seu enervado estado. O divino céu da Palestina n'aquelle inverno! o mar azul de Cesaréa! A cidade nova em folha, com os seus palacios, o seu cáes, o templo a Augusto fatal em todas as cidades escravas brotava entre o céu de saphira e a saphirá das aguas, com a brancura das margaridas. A vida ahi era composta de luxuria, ganho e deus — prostitutas, mercadores e discutidores de theodicéas. Os barcos que vinham das ilhas, do Ponto, do Pireu, da grande Grecia, da Phrigia, de Alexandria, traziam

de cada periplo mais surpresas logo amalgamadas. Apesar de israelita, obediente á lei mosaica, fundada por Herodes, o Grande, Cesaréa bebera o veneno das syntheses, do syncretismo dos pantheons — todos os deuses expressões de um só. Os judeus passavam o seu livro religioso a livro inicial, de onde haviam partido as verdades e guardavam os ensinamentos da synagoga egypcia onde um certo Philon annunciava o Messias. Mettido entre taes homens, vira L. Copornius Gambivius ao miseravel Nathaniel, que já fôra mercenario em Memphis, estivera em Roma, sabia tudo sem de facto nada saber e vegetava agora em Cesaréa vagamente proxeneta e vagamente guia. O joven romano encontrara-o na casa de seu tio, o pro-consul. Dias depois, era Nathaniel que lhe mostrava os religiosos immundos de corpo que purificavam a alma com a abstinencia dos gozos para gozar o raio de Deus.

A irritação contra a propria fantasia na desnecessidade de certeza dos outros, acabou por fazer mal a L. Copornius Gambi-

vius. O mundo estava maduro de meditação. Como havia em Roma um senhor supremo, devia haver um deus supremo. Aquelles homens todos discutiam qual havia de ser. Elle não fazia questão, tanto lhe importando o logos universal dos stoicos, que contém as razões seminaes, segundo as quaes fatalmente cada um é produzido para elevar-se ao final brazeiro, ou o logos hermetico, que é a palavra, ou o logos de Salomão, que é a sabedoria... Logicamente, esse Deus para ser crido por Deus devia revelar-se por uma obra menos abstracta — que provesse o seu poder superior. E a humanidade convira ser a ressurreição.

— O logos é Deus! disse-lhe certa vez um philonista.

— E Deus?

— E' o Pai. Elle será revelado.

— Eu quero ver.

O philonista, que era velho, sorriu com tristeza.

— Joven, romano, nunca terás o balsamo da crença, se assim continuares. Deus, já dizia o divino Platão, só se mostra aos sabios

e por instantes “quando os sabios são com toda a força separados do corpo”. Deus, já o affirmou o grande Maximo, só em imaginação o podemos ver antes da morte, isso mesmo pensando em uma natureza sem grandeza, nem cor, nem figura, nenhuma das qualidades de natureza.

— Mas basta-me a revelação do seu poder. Acreditarei quando vir o que todos dizem ter visto: um resuscitado!

— Romano, Philemon de Alexandria deu um sabio conselho. “Não te inquietes que elle exista. Dize que existe, está em toda a parte e que o adoras.” A esse Deus enche de graças. Porque muita vez saber, ter a certeza, é a irremediavel desgraça. Só de ouvir o nome de Deus muitas pessoas caíam fulminadas...

Quanto mais se irritava, L. Copornius Gambivius, mandando chamar Nathaniel, soube da partida do judeu para Jerusalém. De resto, de toda a provincia dava-se como um exodo. Seguiam caravanas enormes rumo de Sion. O romano informou-se. Era a Páscoa, a maior festa israelita, para commemo-

rar a libertação do povo de Israel da terra do Egypto. Pharaó dissera a Moysés, um grande propheta a quem Deus consentira em apparecer e falar, depois de ordenar-lhe que tirasse as sandalias:— “A’ meia noite passarei pelo Egypto e todos os recém-nascidos do Egypto morrerão, do filho do Pharaó ao filho do escravo. Haverá um grande grito no paiz do Egypto como nunca outro igual foi ouvido. Mas, entre os filhos de Israel, dos homens aos animaes, ninguem moverá a ponta da lingua, para ficardes sabendo que Deus poz differença entre os egypcios e os israelitas.” O grito passou. Pharaó ergueu-se e disse a Moysés e a Aarão: “Sahi do meio do meu povo, para servir ao Eterno.” Os Judeus commemoravam em Jerusalém o facto culminante, purificando-se, sacrificando anhos no Tabernaculo, comendo o pão azimo, agradecendo a Deus. A festa durava até o dia quinze.

—Verás então muitos thaumathurgos que fazem milagres e até resuscitam. Vão todos para Jerusalém...

L. Copornius Gambivius não hesitou. O

quadro tentava-o. E estava naquella manhã diante da violencia da terra como empolgado.

Jerusalém ardia ao sol com toda a sua grosseira hostilidade. Dura, empoeirada, sobre o monte, o desdobramento das suas construcções colossaes, onde os moldes gregos se barbarizavam de ramagens selvagens — era de um orgulho insolente e vão. Como por todas as suas portas jorrava uma confusa multidão de peregrinos, a furia secca das vozes, nas ruas estreitas e sujas, as caras severas, os olhares colericos, nas ingremes ladeiras, ainda lhe augmentavam o aspecto antipathico. O romano sentia-se inferior, apesar de dominador. Aquillo era grosseiro e deixava a sua razão pratica muito abaixo. A discussão de Deus chantava a ancia do monstro de pedra sobre as pedras do monte. E como uma pedra de attracção, maior que todos os outros edificios, o Templo, ao lado do palacio de tetrarcha, attrahia todos os corpos, na sua infindavel extensão de

marmores e ouros. L. Copornius Gambivius seguiu como os mais para ahi, metteu-se na turba que ululava em discussões rapaces pelos porticos, cuja construcção ainda por acabar estava nas balaustradas enormes do poente. Ao chegar á entrada do santuario que no céo de lapis elevava a cupula de ouro sob a luz solar, estacou. Inscricções em latim e grego, pregadas ás columnas, vedavam a entrada aos que não fossem judeus. Retrocedeu pelo lado direito dos porticos, entre grossas columnas de marmores e basalto, e ahi, no terrapleno do Templo, olhou. Havia mulheres, havia homens de barbas encaracoladas, e crianças, muitas crianças e velhos de larga testa e nariz recurvo, havia vendedores ambulantes de cabritos, de anhos brancos, de hyssope, de agua, de guloseimas, de pão sem levedura, de objectos varios. Essa gente, agitando os mantos de côres escuras, batendo as sandalias, disputava com desconfiança, olhava-se como terçando punhaes, vociferava uma lingua guttural. Deviam ser da mesma crença, obedecer a mesma Lei, louvar Deus Unico,

mas, entre sacerdotes, humilhados e sofers tagarelas e phenicios e carthaginezes, e arrogantes hymaritas que se diziam filhos de Abrahão, e thamudeanos, e nabateanos, e samaritanos, as disputas raspavam coleras lividas no ar poeirento. Nessa confusão, Nathaniel apparecera:

— Chegaste ha muito á cidade da paz? Eu não podia deixar de vir. Os israelitas devem vir render graças a Deus nesta festa de Jerusalém. Não ignoras que andam todos os homens errados e que repetem sem o saber verdades do nosso Livro, aquelles que não são israelitas...

— Nathaniel, eu desejava crer.

— Que os anjos te oiçam!

— E ha anjos na tua religião?

— São os intermediarios do Deus.

— Mas, por que disputa essa gente?

— Elles disputam o menor ou maior escrupulo ao serviço de Deus. Não vês que ha os mandaitas que querem o baptismo, os therapeutas liberaes, os rabis que protestam contra o pagamento do censo aos romanos — que era lastimavel! — e os phariseus des-

confiados, e os ebionistas e os sadukeus muito livres e os kanains e os sicarios escrupulosos e os mercadores protegidos que elevam o preço das fazendas. Aqui, aprende-se. Os doutores ensinam. São os tragomins e os mitrahins—que commentam o livro sagrado e desprezam os galileus.

—Mas ha briga?

-- Interpretações, romano. Os que têm a protecção do sanhedrim e de Caiphaz são conservadores. Os que soffrem, esperam a vinda do Messias, do filho do David.

Copornius Gambivius ia falar, quando o separaram do seu interlocutor. Um grupo numeroso de mulheres, homens e crianças passava a conduzir um jumento entre risos e gritos. Sobre o jumento, um joven pallido e de doce olhar meigamente sorria.

—Logar! Logar! Logar para o filho de David!

A poeira, o redemoinho da turba após a passagem do bando, ainda um instante separaram o romano do judeu. Mas ao judeu não convinha largar o romano. Tanto que,

ao revistal-o, logo, concertando a trunfa, de novo se acercou.

—E's propheta, disse-lhe Gambivius. Chegou o teu filho de David!

—Ah! nestes principios de nizan vêm ao Templo muitos thaumathurgos e rabbis que se inculcam assim. Os sofers discutem com elles, e muita vez Caiphaz os manda castigar. Quando se tornam imprudentes... Esse é o dos mais sympathicos. Fala melhor que Philon e já esteve em Cesaréa. E' um rapaz da provincia nascido em Nazareth. Vem pouco a Jerusalém. Chama-se Jesus e anda com os pobres pelas estradas fazendo milagres.

—Milagres?

—Sim. Muitos judeus fazem milagres sem serem o filho de David.

—Que milagres?

—Dão vista aos cegos, andar aos paralyticos, sangue puro aos leprosos. Não acredita? Pois este já tudo isso tem feito. Até já fez um milagre muito maior. Reparaste nas mulheres do bando?

—Não.

— Pois ia nelle aquella linda mulher que em Cesaréa tanto dinheiro custou a teu tio, o pro-consul.

— Maria, a loura?

— Essa. Acaba de desfazer-se de todas as riquezas só para seguir o nazareno.

— O amor?

— Amor? Não! Ella deve-lhe um grande milagre. O nazareno, ha oito dias resuscitou-lhe o irmão.

L. Copornius Gambivius fez-se pallido.

— Tu viste?

— Todos viram. Tu não acreditas na resurreição? Nunca ouviste as historias de Elias e de Elyseu?

— Cala-te! Viste mesmo?

— Jerusalém inteira viu e até a noticia chegou já a Hanan e a Caiphaz. E' Lazaro, um bom rapaz que vivia á entrada de Bethania, com a outra irmã, a séria, de nome Martha.

— Esse rapaz vive?

— Pois claro. Agora, têm ido vel-o e falar-lhe os que duvidam. Elle não sai de casa...

Mas Nathaniel era arrastado pelo romano.

—Ha um homem que saiu do tumulo!
Leva-me a vel-o. Já.

—Não seria melhor consultar as irmãs
que assistem ao nazareno?

—Judeu, dou-te o que quizeres se me
mostrares já o homem resuscitado.

L. Copornius Gambivius quasi corria na
convulsão colorida da esplanada do Templo.
Mais agitado do que mezes antes no templo
de Isis, em Roma, cheio de soffreguidão, de
medo, o seu coração batia. Atirou-se á liteira.
Diria: emfim? Realisaria o seu grande de-
sejo?

E estava alli agora, descendo ao trote da
liteira o monte das oliveiras numa tal vibra-
ção que era quasi angustia. Ia ter a certeza,
a certeza em que o mundo inteiro acreditava
mysteriosamente sem ter a certeza. E a
phrase de Philon de repente passava como
um arrepio:—Não te inquietes que exista.
Ter a certeza é ás vezes irremediavel...

—Chegamos! disse Nathaniel, inclinando-
se, cheio de poeira, para a liteira.

Estavam quasi no alto da colina sobre a vertente da qual, abrindo para o mar Morto e para o Jordão, descansava a pequena Bethania, na sua paz de suburbio agricola. Longe appareciam as primeiras casas em forma de cuba, encardidas entre as tamareiras maternas e os verdes flabellos das palmeiras.

—Lazaro mora na segunda casa. Sempre morou com Martha. Os dois nunca iam á villa de Maria para não a envergonhar. Lazaro era um excellente rapaz. Alegre! Seria melhor irmos a pé. Não o assustariamos. Desde que o nazareno o resuscitou tem vindo tanta gente...

L. Copornius Gambivius saltou da liteira e seguiu o judeu. A sua curiosidade, na dramatica desolação da terra da Judéa, mais amarga e terrivel que uma tragedia de Eschylo, ganhara em temor. Desconfiava e tremia. Galgou assim após o judeu pela estrada, onde mariscavam gallinaceos. Em torno, no silencio, só se ouvia o sol — o fragor silencioso dos aludes da luz. Nathaniel bateu á porta de uma das cubas.

O romano estacou.

—Lazaro! chamou um pouco alto Nathaniel. Sou eu, Nathaniel galileu do porto de Cesaréa. Abre! Venho da parte de Martha.

Ainda um tempo no silencio, o romano ouviu só o bater do proprio coração. Sob a chapa da luz a porta da cuba permanecia fechada e suja.

—Lazaro! Lazaro!

Afinal a porta moveu-se, o judeu recuou. L. Copornius Gambivius adiantou-se. De dentro da escuridão da cuba mais densa pela claridade de fóra, uma voz indagou rouca:

—Que me queres?

Estacando, o romano reteve um grito. Do incendio solar que inundava o buraco aberto pela porta, surgira a figura de um homem. Nathaniel apagara-se. L. Copornius Gambivius podia ver o homem. Elle parecia sem idade. Tumefacto, os olhos como naufragos rolando no inchaço das orbitas, os beiços pendentes côm de agapantho, os pés enormes espatulados, as mãos torcendo convulsivamente, o cordão da tunica sobre o ventre

que subira. Todo elle era amarelo. Tão amarelo, que ao sol surgia livido. E no calor da hora plena os seus dentes batiam de frio.

— Que me queres? tornou a repetir em voz de medo e pranto.

O romano fez um esforço.

— E's tu, Lazaro?

Com o queixo a tremer, as lagrimas saltando-lhe dos olhos, o homem disse:

— Sou eu, Lazaro!

— Mas tu soffres! exclamou o joven patriocio. Que tens? Não te resuscitou o Nazareno? Que tens? Dize-me!

Cheio de piedade assustada, desejava approximar-se. Mas, pela primeira vez sentia vergarem-se-lhe os joelhos.

O homem repetia a indagação:

— Que me queres?

E havia tanta dor e tanto temor na sua voz, que a pergunta era como um indizível gemido de desanimada angustia.

— Perdoa, Lazaro! Não vim fazer mal. Vim-te ver, vim só para ter a prova do milagre de Deus!

O homem deu com esforço dois passos. A tunica moldava-lhe o tremor como um bronze azinhavrado. Era mascara horrida a sua cara á luz.

— Como tu, não ha quem não me queira ver. Como tu, todos querem ter a certeza.

E deixando cair os braços, o homem disse:

— Pois vê!

Houve um tremendo silencio.

— Vê! tornou o homem. Farta a tua vista. Eu era moço e descuidoso. Ignorava na vida a miseria, a baixeza da vida. Vivia com o prazer de viver. Doente, queria vida; são, pedia vida. Ao morrer implorava o milagre para continuar a viver, o que me parecia o supremo bem. Morri! Do descuido ignorante entrei na paz do nada. Debaixo da terra então, no bem de apodrecer, eu soube, e comprehendí as razões dos designios de Deus, e porque na escravidão da vida elle nos engana e illude para na morte revelar a verdade como recompensa. Só ahi eu vi a extensão infinita d'este valle de males, a ignominia, a gehenna, a servidão... Mas, Deus,

farto das duvidas humanas, escolheu-me para dizer a certeza; Deus abriu-me o tumulo; Deus disse: ergue-te e caminha! E eu estou aqui de novo no horror da vida como a prova do Deus que vos revelará á vida.

Mas, não posso. Ha oito dias, e já não posso mais! Tenho medo, tenho dor, quero o perdão para tão grande castigo. Não é possivel dizer ao erro a essencia do seu erro. Não é possivel viver depois de ter morrido! Despega-se a minha carne pedindo o seio do tumulo, tremem os ossos meus ao olhar dos homens, e minha alma anceia como um cirio ao sopro glacial. Voltar ao mundo sem ter esquecido tudo quanto se aprende na morte é supplicio atroz. Todas as dores e tormentos e desastres e as agonias da vida não se igualam de leve á amargura de tornar a viver... Eu quero morrer! Eu quero morrer!

Vieste para ter a prova do poder de Deus. Olha! Não sou apenas a prova do Pai. Venho da morte explicar ao eterno desejo dos humanos o que é a vida.

—Vais dizer-m'ò, Lazaro! Dize! A vida é a gloria de Deus?

—Até aqui os homens viviam na ignorancia do tormento. A sabedoria do Pai defendia-os de saber. Elles quizeram saber duvidando; elles só quizeram o que não deviam querer. O mundo vai perder a alegria. Deus satisfará os mortaes, para que elles o comprehendam como o unico consolo. Olha para mim. Saberás o que é a vida. A vida é a expiação!

Um soluço convulsionou-o. Pelo carão tumefacto as lagrimas escorriam. E todo elle era sacudido como ao sopro de um vento gelido, sob o abafado sol do meio dia.

—Engano, miseria, angustia, traição, crime, maldade, desespero, trabalho vão, dor
—Lazaro que sois todos vós sem o saber
—eis o que é a vida!

De rojo no chão, L. Copornius Gambivius comprehendia de repente o medo dos humanos, que não desvendavam o mysterio de Deus nos "mysterios," em que o advinhavam, sentia no arrependimento a doçura

falada pelo philonista de crer sem comprehender e a amargura sem remedio de saber. O seu desejo realisado mostrava-o tal qual era. No solio da morte via-se como num espelho, desgraçado com a tristeza erma de ser desgraçado. O erro de querer a certeza da aspiração humana levava-o até Lazaro...

Então, Nathaniel viu o romano erguer-se do pó, correr morro abaixo. Foi-lhe ao encalço, ancioso pelos dinheiros a que fizera jus. L. Copornius Gambivius atirara-se na liteira.

— Para Jerusalém! Depressa! Para Jerusalém! Eu não vi. Eu não quero saber. Para Jerusalém! Eu não quero esquecer, Lazaro! Nem Deus que o resuscitou pôde lhe tirar o pavor de viver depois de saber! Para Jerusalém! Tende dó de mim! Tende dó...

Pela encosta a liteira rolou erguendo poeira entre as paisagens mofinas das hortas e pomares da Bethania. Do outro lado do Monte das Oliveiras, sobre o valle do Cedron, Jerusalém, á espera de Deus, fais-cava sem comprehender. E com o rosto no manto, tremendo de horror por ter tido a

certeza, Lucius Copornius Gambivius, joven patricio romano, continuava a ver dentro dos proprios olhos, Lazaro — tranzido de pavor de ter sabido na morte a Illusão da Vida...

Assim se fez na festa da paschoa de Jerusalem, sendo Jesus de Nazareth ainda vivo, com Tiberio imperador e Herodes Antipas tetrarcha da Judéa — o primeiro christão romano.

PORTUGAL-BRASIL L.^{DA}

SOCIEDADE EDITORA

88, Rua Garrett, 60 — LISBOA

ALBERTO D'OLIVEIRA <i>Na Outra Banda de Portugal</i> 1\$50	MANUEL DA SILVA GAIO <i>De Roma e suas conquistas..</i> 1\$50
ALBERTO TELLES <i>Camilo na Cadeia da Relação do Porto</i> 1\$50	MARIA A. VAZ DE CARVALHO <i>Paginas escolhidas</i> 2\$00
ALFREDO APELL <i>Contos Populares Russos (Tradições do Povo Português e Brasileiro)</i> 3\$00	<i>Scenas do seculo XVIII em Portugal</i> 2\$50
ANTONIO CABRAL <i>Camilo Desconhecido, broc...</i> 3\$00	MAYER GARÇÃO <i>Os Cem Sonetos (prefacio) (1.^a ed.)</i> 3\$00
Enc. 5\$00	OSCAR LOPES <i>Seres e sombras</i> 1\$50
<i>Eça de Queirós</i> 3\$00	PAULO DE GARDENIA <i>Lecticia</i> 1\$00
ANTONIO GRANJO <i>A Grande Aventura</i> 1\$50	RAUL BRANDÃO <i>A Furça</i> 2\$00
CARLOS MALHEIRO DIAS <i>A verdade Nua, (2.^a ed.)</i> 2\$00	SAMUEL MAIA <i>Sexo Forte</i> 3\$00
<i>A Esperança e a Morte</i> 2\$00	<i>Entre a vida e a morte</i> 2\$50
COELHO DE CARVALHO <i>A Eneida de Virgilio</i> 3\$00	SOUSA COSTA <i>Paginas de Sangue</i> 2\$00
CONDE D'ARNOSE <i>Azulejos, nova ed</i> 2\$50	<i>Fructo Prohibido</i> 3\$00
CONDE DE SABUGOSA <i>Gente de Algo (2.^a ed.)</i> 3\$00	<i>Milagres de Portugal</i> 2\$50
EDUARDO DE AGUILAR <i>Tragedias de Roma</i> 2\$00	STUART TORRIE <i>Secretario Comercial da Língua Inglesa, cart</i> 2\$50
EDUARDO SCHWALBACH <i>A Historia da Carcchina</i> .. 1\$00	
EGAS MONIZ <i>A Vida Sexual, enc</i> 6\$00	Theatro :
<i>Um ano de politica</i> 2\$00	H. LOPES DE MENDONÇA <i>Nó Cégo, 3 actos</i> \$80
EMILIA DE SOUSA COSTA <i>Estes sim, venceram</i> 2\$00	JULIO DANTAS <i>D. João Tenorio, 6 actos</i> 2\$50
EMMANUEL LASSERRE <i>Os Delinquentes Passionaes e o Criminalista Impallomeni</i> 1\$50	<i>Rosas de todo o ano</i> \$40
H. LOPES DE MENDONÇA <i>Sangue Português (2.^a ed.)</i> ... 2\$50	<i>1023, episodio em verso</i> \$40
<i>Gente Namorada</i> 2\$50	<i>Carlota Joaquina, 1 acto</i> \$70
JOÃO DE CASTRO <i>Jornadas no Minho</i> 3\$00	<i>Um serão nas Lorangeiras</i> ... 3\$00
<i>A Comedia de Lisboa</i> 3\$00	<i>A Castro</i> 1\$00
JOÃO DO RIO <i>Rosario da Ilusão</i> 2\$50	<i>Sóror Mariana</i> \$70
<i>A Mulher e os Espelhos, (2.^a ed.)</i> 2\$00	<i>D. Beltrão de Figueirôa</i> \$70
<i>Correspondencia de uma estação de cura (2.^a ed.)</i> 1\$50	MARCELINO MESQUITA <i>Almas doentes, 2 actos</i> 1\$00
JULIO DANTAS <i>Como elas amam (2.^a ed.)</i> 2\$00	VICENTE ARNOSO <i>O Ultimo Senhor de S. Geão</i> 1\$00
<i>Espadas e Rosas, (4.^a ed.)</i> 2\$50	
<i>Mulheres, (4.^a ed.)</i> 3\$00	No Prêlo:
<i>Sonetos (3.^a ed.)</i> \$80	BASILIO TELLES <i>A Sciencia e o Atonismo.</i>
<i>Abelhas doiradas</i> 2\$50	CARLOS BABO <i>A sombra de D. Miguel.</i>
L. XAVIER BARBOSA <i>Cem Cartas de Camillo</i> 3\$00	JOSÉ JOAQUIM NUNES <i>Chrestomatia archaica.</i>
	JOÃO VERDADES <i>A' presença do povo «inlustrado».</i>